This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port
5782
5
40
WIDENER
HN Z7Y7 .

Port 5782.5.40

R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

HARVARD
COLLEGE
LIBRARY

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

321

Era de men. tio elut.
et Cantonag — 2o D.

J. Negrete

Digitized by Google

O caso triste e digno da memoria
Que de sepulchro os homens desenterra
Acontecêo da misêra, e mesquinha
Que despois de ser morta foi Rainha.

Digitized by Google

NOVA CASTRO

TRAGEDIA

DE

JOÃO BAPTISTA GOMES JUNIOR.

NOVA EDIÇÃO

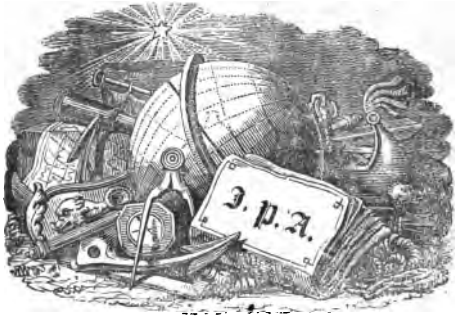
Correcta de muitos erros, e augmentada com a brilhante scena da

COROAÇÃO.

SEGUIDA

do episodio de Camões sobre a morte de D. Ignez de Castro, e da Cantata de Bocage sobre o mesmo assumpto.

ORNADA COM ESTAMPAS.



PARIS,

NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J. P. AILLAUD,

11, QUAI VOLTAIRE.

1858.

Google

~~Port 5782.5.40~~

Port 5782.5.40

HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY
AUG 5 1974

Digitized by Google

Paris. — Impresso por BOURGOGNE e MARTINET, rua Jacob, 30

ACTORES.

D. Affonso IV, Rei de Portugal.
D. Pedro, Principe.
D. Ignez de Castro.
D. Sancho, Mestre do Principe
Coelho, } Conselheiros.
Pacheco, }
D. Nuno, Camarista Del Rei.
O Embaixador de Castella.
Elvira, Aia de D. Ignez,
Dois Meninos, Filhos de D. Pedro e D. Ignez.

A Scena he em Coimbra, n'huma Sala do Palacio, em que reside D. Ignez.

A Acção começa ao romper do dia.

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO II.

SCENA I.

IGNEZ E ELVIRA.

IGN. (1). Sombra implacavel! Pavoroso Espectro!
Não me persigas mais... Constança! Eu morro (2).
ELV. Que afflicção!... Que delirio!... Oh Deos!
Senhora!...
IGN. (3). Onde está... onde está o meu Esposo?..,
ELV. O Principe, Senhora, inda repousa,
Tudo jaz em silencio: tu sómente,

(1) Ignez entra na Scena delirante, e horrorisada.
(2) Assenta-se desfallecida.
(3) Ainda fóra de si, e atemorisada.

Digitized by Google

Negando-te ao socego, atribulada,
Neste Paço, ululando, errante vagas?
Que dôr acerba o coração te rasga?
Que sonhadas visões assim te ancêão?

IGN. Contra Ignez se conspira o Ceo, e a Terra (1).
Té das campas os mortos se levantão
Para me flagellar: continuamente
Negros fantasmas ante mim voltêão..,
Que horror! Oh Ceos!... Agora mesmo, Elvira,
Debuxados na mente inda divíso
Os medonhos espectros, que, girando
Em torno de mim, me assombrárão...
Surgir vejo Constança do sepulchro,
Que em furias abrazada a mim caminha...
Relampagos fuzilão, treme a terra...
Eis-que lá dos abismos arrojados
Impios Ministros da feroz vingança
No peito agudos ferros vem cravar-me:
Debalde agonisante o Esposo invoco...
Proferido por mim seu doce nome
Exarceba os furores de Constança,
Que á morada dos mortos me arremessa.
Oh do crime funestas consequencias!...
Desgraçados mortaes!

ELV. E póde hum sonho...

IGN. Não he hum sonho; Elvira, são remorsos.

---

(1) Levatando se.

Digitized by Google

ELV. Devem elles acaso inda relar-te!
Não bastou Hymenêo a suffocá-los?
Ah! Se antes que os seus laços te cingissem,
Succumbiste do amor á paixão céga,
Assaz tens expiado este delicto,
Delicto mais que todos desculpavel.

IGN. Huma alma como a minha jámais julga
Ter assaz expiado seus delictos:
Embora de Hymenêo os sacros laços
Agora o meu amor licito fação,
Este amor foi no crime começado.
Mirrada de pezares, sim, foi elle,
Quem despenhou Constança no sepulcro,
Constança, essa Princeza desgraçada,
Que, a não ser eu, talvez fosse ditosa,
Talvez, do Esposo amada, inda vivesse;
Eu fui a origem dos seus males todos;
Trahi sua amizade, fui-lhe ingrata,
Sua rival, oh Ceos! assassinei-a.
Oh crime involuntario! Horrendo crime
Tuas iras são justas, sim, Constança;
Arrasta-me comtigo á sepultura,
Acaba de punir-me, e de vingar-te...
Mas ah! Que digo!... Não... poupa me a vida,
Nella a vida do Principe se interessa:
Tu não has de querer envenenar-lh'a:
A morte não, não póde certamente
A paixão extinguir de que morreste;

Digitized by Google

Mesmo lá do sepulchro inda o adoras...
E talvez compassiva me desculpes.
Quem melhor do que tu conhecer deve,
Que aos affectos de Pedro, aos seus extremos
Humanas forças resistir não podem?
Se tu, sem ser amada, tanto o amaste,
Deixaria eu de amá-lo sendo amada?
Sabe o Ceo quanto tempo em viva guerra,
Contra o meu coração lutei debalde:
Quantas vezes chamando em meu soccorro
A virtude, e a razão... auxilio inutil!
Immudece a razão quando amor falla.
Triunfar de paixões iguaes á minha...
Os miseros mortaes não podem tanto...
Que profiro infeliz? Até blasfemo!...
Perdoa, Summo Deus, ao meu delirio:
A meu pezar, Senhor, fui criminosa;
Porém tua Justiça adoro, e temo.

Elv. O Ceo he justo, Ignez, o Ceo te absolve:
Tua alma, onde morou sempre a virtude,
Tem por graves delictos leves faltas;
Tranquilliza, Senhora, os teus sentidos,
Modera as afflicções.

Ign. Em breve a morte
A's minhas afflicções virá pôr termo.

Elv. Oh Ceos! Na primavera de teus annos,
Engolfada em fataes, loucos pezares,
Tu propria buscas terminar teus dias,

Digitized by Google

Sem que ao menos te lembres que depende
Da tua vida a vida do Consorte;
Que huma lagrima só que tu derrames,
Se o Principe jámais a divisasse,
Seria de sobejo a envenenar-lhe
O terno coração, que affagar deves!...
Se neste estado agora elle te achasse,
Em que estado sua alma ficaria?
Por seu amor, te rogo, enxuga o pranto,
As fflicções desterra, em que soçobras.

Ign. Oxalá que podesse desterrá-las!
Mas buscarei ao menos reprimí-las,
Porque não participe o caro Esposo
Dos males, dos horrores que me cercão.
Embora o Ceo me opprima, e me castigue,
Entorne sobre mim suas vinganças;
Porém sobre elle só prazerés mande:
O seu socego, mais que o meo, desejo:
A fim de lhe mostrar alegre o gesto,
A que esforços me não dou continuamente?
Para o não affligir... ah! Quantas vezes
Calco, suffoco dentro do meu peito
Afflicções, que no peito me não cabem!...
Quantas vezes, sumindo-se a seus olhos,
Dos meus ao coração recùa o pranto!
Mas ah! que os meus pezares, meus martyrios,
Quanto mais os escondo, mais se azédão,
Nem podem já ter fim senão co' a vida.

Digitized by Google

A qualquer parte, oh Ceos, que os olhos mande,
Motivos d'afflicção sómente encontro.
Do passado a lembrança me horrorisa,
E do futuro a idéia me intimida:
Contra mim conspirada a intriga, a inveja,
Sobranceiras as iras d'hum Monarcha,
Tudo me vai cavando a sepultura;
O coração m' o diz.

ELV. Elle te illude;
Que podes tu temer, quando enlaçada
Ao mais digno dos Principes do Mundo,
Ao melhor dos mortaes que os Ceos formárão,
O seu braço invencivel te defende?
Em vez de recear sonhados males,
Olha os immensos bens, a fausta sorte,
Que propicio futuro te apparelha;
O Lusitano Solio, que te espera;
O respeito, o amor dos Portuguezes,
A gloria de imperar sobre este povo,
A quem teme, e venera o Mundo inteiro...
Tudo, tudo, Senhora, te promette
Permanentes venturas: nada temas.

IGN. Essas mesmas quimericas venturas,
Esses bens illusórios, que me apontas,
Justos motivos são dos meus temores.
Oxalá que D. Pedro não tivesse
Hum Throno por herança que offertar-me!
Então fôra eu feliz, passára a vida

Digitized by Google

No regaço da paz, e da alegria;
Não haveria então quem se oppozesse
A' perpetua união das nossas almas;
Nem barbara politica empecêra
De nossos ternos corações a escolha:
Hum do outro na posse, ambos ditosos,
A os transportes d'amor sem susto entregues,
Rodeados dos tenros, caros filhos,
Sem ter que desejar o Throno excelso,
Todos esses fantasmas da grandeza
Nem huma vez se quer nos lembrarião;
Mas o fado não quiz.

ELV. Ahi vem D. Sancho.

IGN. Que motivo o conduz a procurar-me?
Venero as suas cãs, e o seu caracter;
Como elle, junto aos Reis, achão-se poucos.

SCENA II.

D. SANCHO, IGNEZ E ELVIRA (1).

SANC. O Ceo neste lugar faz que eu te encontre,
He preciso, Senhora, com franqueza
Mostrar-te os imminentes precipicios,

---

(1) Elvira, logo que D. Sancho entra na Scena retira-se para o fundo della, e pouco depois desapparece.

Que só tua virtude evitar póde.
O Principe despreza os meus conselhos,
Meus rogos não attende, nem já céde
A's lagrimas d'hum velho que aprecia,
Mais do que a propria vida, a sua gloria :
D'hum vêlho, que incumbido de educá-lo,
Sempre a nua verdade ante os seus olhos
Tem feito apparecer, buscando sempre
A fastar-lhe a lisonja dos ouvidos,
Esse das Cortes pessimo veneno,
Que os corações dos Principes corrompe.
Seu caracter violento, caprichoso,
Agora por amor mais inflammado,
Já não deixa dobrar-se ás minhas vozes;
Cégo resiste aos Paternaes preceitos;
He necessario pois que a obedecer-lhe
O resolvas tu mesma. Bem conheces
Do inflexivel Affonso o genio iroso.
Já tres vezes o tem chamado á Corte,
Sem que D. Pedro cumpra os seus mandados,
Nem queira pesar bem seus amiaços :
Muito do Rei severo temo as iras,
Por crueis Conselheiros atiçadas :
Vendo talvez do filho a rebeldia,
Se esqueça de que he Pai. Cumpre, Senhora,
Que atalhes as funestas consequencias,
Que podem resultar da pertinacia
Em que o Principe insiste : que o convenças

Digitized by Google

A beneficio seu, e em teu proveito,
A cumprir sem demora os seus deveres;
Eu sei que na sua alma podes tudo,
E das tuas virtudes tudo espero.

IGN. O teu zelo, candura, e probidade
Assaz louvo, e respeito. Não te enganas
Em suppor-me capaz de emprender tudo,
Inda mesmo arriscando a propria vida,
Para chamar D. Pedro aos seus deveres;
Não tem sido por falta de lembrar-lh'os,
Que elle ás ordens de hum Pai tem resistido.
(Tu, não menos do que eu, seu genio sabes)
Nem attender-me quer quando lhe imploro,
Que á Corte vá lançar-se ás Regias Plantas.
Todavia, D. Sancho, eu te prometto,
Que não hão de cessar minhas instancias:
Embora, longe d'elle, Ignez saudosa,
Ao furor dos seus émulos exposta,
Venha talvez a ser victima triste
De insidiosa politica: antes quero
Morrer, do que lembrar-me que sou causa
De que o Principe falte aos seus deveres.

SANC. Quem nutre em si tão nobres sentimentos,
Inda sendo opprimida, he venturosa.
Zombou sempre a virtude da desgraça:
Debalde a emulação, armando a intriga,
Conspira contra ti: mas he preciso
Seus designios frustrar: sim...

Digitized by Google

IGN. Eis D. Pedro.
SANC. Queira o Ceo que o convenças! Eu vos deixo.

SCENA III.

D. PEDRO E IGNEZ.

PED. Quanto são vagarosos, cara Esposa,
Os poucos melancolicos momentos,
Que distante de ti saudoso passo!
Só ao teu lado, Ignez, socêgo encontro,
Não existo senão quando te vejo.
IGN. Quanto me adoras sei, Principe amado;
Mais terno cada vez, mais extremoso,
As tuas expressões meu pranto excitão;
Porém d'amor agora não tratemos:
Bradando estão deveres mais sagrados
Que preencher te cumpre: antes de tudo
Tenho, Esposo, hum favor que supplicar-te:
Negar-m'o-has tu, Senhor?
PED. Ignez, que dizes?
Tu, que tens na minha alma todo o imperio,
Ah! podes duvidar que eu te obedeça?
IGN. Pois bem, Senhor, attende á tua Esposa,
Ouve meus rogos, e a meus rogos céde:
Se tu só junto a mim socêgo encontras,
Tambem só junto a ti socêgo eu tenho;
Porém quer o destino, o dever manda,

Digitized by Google

Que te apartes de mim por algum tempo.

PED. Apartar-me de ti? Oh Ceos! Que escuto!
Apartar-me de ti? Castro he quem falla?

IGN. He Castro, sim, Senhor, aquella mesma,
Que préza mais que tudo a tua gloria;
Aquella cujo brio não tolera,
Que seja o terno amor, que lhe consagras,
Motivo de infringires teus deveres.
Bem o sabes, Senhor, em nenhum tempo
Procurei ardilosa fascinar-te:
Cedi ao teu amor, porque te amava,
Porque em ti divisei huma alma terna,
Alma que o Ceo formou para encantar-me,
De todas as virtudes adornada.
Agora pois te cumpre conservá-las,
E a mim não consentir que as abandones:
Eu de mim propria assaz me horrorizára
Se visse que as perdias por amar-me.
Não, Principe querido, eu te supplico,
Por este mesmo amor que a ti me prende,
Que á Corte sem demora te dirijas,
Onde teu Pai, talvez já fatigado
De te chamar em vão, te espera anciosso.
Obedecer aos Paternaes preceitos
He lei da Natureza, he lei sagrada;
Cumprí-la deves: vai...

PED. Basta: Eu conheço
Quaes meus deveres são, e sei cumprí-los;

Digitized by Google

Sei que he devida aos Pais a obediencia;
Mas igualmente sei que tem limites
A Paternal, sagráda auctoridade.
Tenho pensado bem no que obrar devo:
Justos motivos, que não sabes inda,
Exigem que eu não cumpra as Regias ordens.
Obedecêra a hum Pai, se Pai tivera...
Mas eu não vejo mais do que hum tyranno
Nesse que o ser me dêo...

IGN. Senhor, suspende:
He teu Pai; muito embora cruel seja,
Tu deves respeitá-lo, e obedecer-lhe.

PED. Se quer que lhe obedeça, e que o respeite,
Não me imponha preceitos deshumanos.

IGN. Não promettes-te ha pouco á tua Esposa
Conceder-lhe o favor que te pedisse?

PED. Vê pois quando não posso comprazer-te,
Se terei razões justas que me estorvem
De obedecer a hum Pai!

IGN. Não póde havê-las.

PED. Tyrannos... que nos julgão seus escravos (1)!
Para nos flagellar o ser nos dérão!

IGN. Tu me fazes tremer.

PED. Sabe em fim tudo.
Affonso, e o Monarcha de Castella

---

(1) Sem attender a Ignez, transportado.

Digitized by Google

Acabão de firmar a nova alliança,
Em que sem meu consenso contratárão,
Qu'eu daria a Beatriz a mão de Esposo:
Para este fim á Corte sou chamado.
Affonso não contente da violencia
Que ao meu coração fez, quando forçado
De rôjo me levou ante os altares
Para unir-me a Constança em laço eterno,
Pezado laço, que rompeo a morte;
Não contente de haver sido o motivo
De... Mas que digo? Não, ah! não foi elle;
Eu em lhe obedecer fui o culpado:
Que desenfrêe agora as suas iras;
Que rogue, que ameace; mesmo quando
Em secreto Hymenêo não estivessem
Ligadas para sempre nossas almas,
Debalde intentaria submetter-me
A hum jugo que a vontade recuzasse,
Reconheço porèm que a pertinacia,
O despotico orgulho de seu genio,
Sem que attenda senão ao seu Tractado,
Quererá que por força o desempenhe.
Não convèm descobrir nosso consorcio;
E outra escusa qualquer que eu fosse dar-lhe
D'irritá-lo inda mais só serviria.
Agora julga pois se partir devo.
Se me devo ir expôr, talvez... quem sabe!
A faltar-lhe ao respeito inteiramente...

Digitized by Google

Mas tu choras... Que vejo!... Acaso temes?...

IGN. Nada temo por mim, por ti só temo:
Sim, quando vejo sobranceiros males,
Por desditoso amor originados;
Quando vejo engrossar a tempestade,
Que me denota proxima ruina;
Nem por isso me assusto: o que me afflige,
He vêr hum Pai, hum Reino, e o proprio Esposo,
Tudo por meu respeito alvoratado.
Em situação tão ardua, e tão penosa,
Té chego a desejar... (infeliz Castro!)
Que o sacro-santo nó que a mim te prende,
Este laço tão doce, e desejado,
Dos bens o maior bem que Ignez possue,
A ser possivel, hoje se rompesse,
Só porque tu podesses livremente
Obedecer a hum Pai, fazer ditosos
Por hum feliz consorcio dous Imperios.
Muito embora Beatriz te possuisse...
Mas que digo? Ai de mim! Nos braços d'outra!...
Nos braços d'outra vêr o amado Esposo!
Ah! não... não posso tanto, antes a morte.

PED. He teu meu coração, será teu sempre.
Os laços de Hymenêo são as mais debeis
Prizões que a ti me ligão. Quando amâmos,
Desnecessarios são ritos, promessas:
Mais força tem amor que os juramentos.
Inda que ante os altares sacros votos

Digitized by Google

De permanente fé, de amar-te sempre
Não tivesse a teu lado proferido,
Seria sempre teu, sempre te amára;
Sem que jámais podesse força humana
Separar corações, que amor unira.

IGN. Mas que, talvez em breve sopeados,
Aos golpes da politica succumbão.

PED. Para lhe resistir basta o meu braço.

IGN. O teu braço, Senhor, só deve armar-se
Para emprezas mais dignas do teu nome:
No lance melindroso em que nos vemos
Convém, mais que os furores, a brandura;
E apezar das razões que ponderaste,
Julgo que deves dirigir-te á Corte;
Pois talvez, se não corres a embargá-los,
Teu Pai avance os começados passos
Para as nupcias da Infanta de Castellá,
Na esperança de ser obedecido,
E a ponto chegue que depois não possa...

PED. Sem lhe dizer porque, já fiz saber-lhe,
Que taes nupcias jámais celebraria.

ING. Mas não fôra melhor...

Digitized by Google

SCENA IV.

D. PEDRO, IGNEZ E D. SANCHO.

SANC. Senhor : ah! corre,
Vem esperar teu Pai.
IGN. Oh Ceos!
PED. Que dizes?
SANC. Dirigido a Coimbra em veloz marcha
Partio da Corte Affonso, aqui não tarda.
IGN. (1) Agora sim, minha desgraça he certa
PED. (2) Meu Pai? oh Ceos!... meu Pai?
SANC. Coelho, e Pacheco,
Seus crueis Conselheiros, o acompanhão :
Toda a Corte, Senhor, em sobressalto
Ficou co'esta partida inesperada :
Mendonça que ligeiro vem trazer-te
A importante noticia, assim o affirma :
Murmura o Povo já de recusares
As nupcias de Beatriz, que applaudem todos.
PED. Murmure muito embora, embora venha
Armado de poder, ardendo em raiva,
Da vingança, e das furias escoltado,
Esse a quem por meu mal devo a existencia;

---

(1) Fallando comsigo mesma.
(2) Pensativo e admirado.

Digitized by Google

Que, se intentar comigo ser tyranno,
Ha de em seu filho achar hum inimigo
Capaz dos mais tremendos attentados;
Que em casos taes os crimes não são crimes,
São forçoso dever das almas grandes.
Esperá-lo não vou.

SANC. Senhor, que fazes?

PED. O que me apraz fazer.

IGN. Oh Ceos! Nem posso
Das tuas expressões horrorisada,
Soltar do coração trémulas vozes:
Fallem por mim as lagrimas que choro...
Não me consternes mais. Ah! vai, não tardes;
Vôa a encontrar teu Pai, se vêr não queres
Estalar de afflicção a tua Esposa.

PED. (1) Eu vou satisfazer-te, sim eu parto;
Vou rasgar do segredo a cauta venda:
Saiba, sim, saiba Affonso antes que chegue
Estes sitios a entrar, que Ignez habita,
Que a deve respeitar como Princeza;
Que inquebravel prizão a Ignez me liga (2).

SANC. Oh Ceos! Não faças tal, melhor discorre;
Para lhe revelar hum tal segredo
Occasião mais opportuna espera:

---

(1) Depois de ficar hum pouco pensativo, diz resoluto.
(2) Em acção de partir, e D. Sancho retendo-se.

Digitized by Google

A cólera azedar não vás d'Affonso;
No transporte cruel das suas iras,
Bem sabes que he capaz...

PED. De que? De nada:
Mais de mim, do que eu d'elle, tremer deve...
Se ousasse contra Ignez... Ah! nem pensá-lo
Para vingar o seu menor insulto
Seria pouco todo o sangue humano.

IGN. Bem me dizia o coração presago...
Meu mal he sem remedio; o proprio Esposo
He quem vai despenhar-me no sepulchro.
Meus crueis inimigos não me assustão:
O popular tumulto, hum Rei severo
Nada temo, ai de mim! a ti só temo.
Ah! Lembra-te, Senhor, do que juraste
Antes de conduzir-me ás sacras Aras,
Onde eu te não seguíra, se primeiro
Tu me não promettesses guardar sempre
O devido respeito ao teu Monarcha,
E a paz não perturbar dos seus Dominios:
Tu não has de faltar, o tempo he este,
Que eu já prevía então: oh caro Esposo!
Lança do coração fataes transportes;
Não percas tempo, vai, corre a prostrar-te
Aos pés do grande Affonso; mas submisso,
Ao beijar de teu Pai a mão augusta,
Sobre ella de teus olhos chova o pranto.
Pondéra que te perdes, e que me perdes,

Google

Se com elle furioso praticares;
Só nos póde salvar docil brandura:
Se não queres matar-me, sê submisso.

PED. O temor de affligir-te póde tudo.
Respeitoso serei, terei brandura,
Se elle brandura igual usar comigo.
Nada temas, Princeza: Adeos. Eu juro
Pelos Ceos outra vez, e por ti mesma,
Que inda que o Mundo inteiro sê me opponha,
Castro ha de ser de Portugal Rainha (1).

IGN. Não te apartes, D. Sancho, do seu lado:
Moderem teus conselhos seus transportes.

SANC. Dai forças, justos Ceos, ás minhas vozes,
Lançai a Portugal piedosas vistas.

SCENA V.

IGNEZ SÓ.

Que temor, infeliz! de mim se apossa (2)!
Caro Principe!... Esposo!... oh Deos, quem sabe
Se a ver-te tornarão inda os meus olhos.
Vai, ó Castro, abraçar-te aos caros filhos,
E entrega-te nas mãos da Providencia.

---

(1) Parte.

(2) Sem poder despregar os olhos do caminho que tomou D. Pedro.

Digitized by Google

ACTO II.

SCENA I.

D. AFFONSO E D. PEDRO.

Af. Basta, Principe, basta : prescindamos
De justas arguições, de escusas futeis;
Não quizeste ir, vim eu. Quero esquecer-me,
Perdoar quero mesmo as tuas faltas,
Huma vez que obediente hoje as repares.
Concluão-se estas nupcias proveitosas,
Que para teu prazer, e o bem do Estado,
Prudente contratei. Verás com gosto,
Quando Lisboa entrares a meu lado,
Com quanto regosijo o Povo todo,
Teu consorcio applaudindo, a festejá-lo
Com pompa jámais vista se prepara.

Digitized by Google

Que doçura não he para os Monarchas,
Espalhar alegria entre os Vassallos!
Vê-los mandâr ao Ceo ardentes votos
Pela conservação da Regia Prole,
Que lhe assegura a paz, a dita e gloria!
Vêr que as suas acções o Povo approva,
E contente abençôa o seu reinado,
Curvando-se de grado ao leve jugo,
Que sómente os máos Reis fazem pezado!
Mil graças dou aos Ceos, pois satisfeitos
Julgo estarão de mim os Lusitanos,
E náda mais desejo que deixar-lhes,
Em meu filho, outro eu, que sempre os ame,
E que por elles seja sempre amado.
Começa desde já neste consorcio
A firmar o seu bem. Sim, hoje mesmo
Deves partir comigo para a Corte,
A fim de o celebrar, logo que chegue
A Infanta de Castella, digno objecto
Que escolhi para Esposa de meu filho.

PED. Ah! que seja possivel, por meu damno,
Que o melhor dos Monarchas do Universo,
Igualmente não seja o Pai mais terno!
Que hum Rei, que desvelado buscou sempre
Fazer os seus Vassallos venturosos,
Queira fazer seu filho desgraçado!...
Contratares, Senhor, sem consultar-me
Hum consorcio, ignorando se teu filho

Digitized by Google

Póde, ou quer d'Hymenêo ás leis cingir-se!
Se essa, que lhe destinas para Esposa,
Póde ao seu coração ser agradavel!
Acaso julgas tu desnecessaria
A minha approvação para estas nupcias!
Não será livre hum coração ao menos
Na escolha d'uma Esposa, que amar deve...
Ah! não queiras, Senhor, com tal violencia...

Af. Immudece, insensato; não prosigas
Indignas expressões que me envergonhão...
Bem conheço a razão porque assim pensas.
Que indignos sentimentos, que fraqueza,
Para quem deve hum dia ser Monarcha!
Como, quando do Imperio as redeas tomes,
Quando na mão a espada formidavel
Da severa Justiça sustentares,
Das paixões punirás o torpe effeito,
Sendo tu proprio das paixões escravo?
Como jámais serás obedecido,
Se tu mesmo ao teu Rei desobedeces?
Com quanta repugnancia os Portuguezés,
Murmurando, verão no Luso Solio,
Que de tantos heróes tem sido assento,
Hum Rei dado ás paixões, afeminado,
Incapaz de empunhar o Sceptro augusto!

Ped. Mas capaz de os reger, e defendê-los,
Se das grandes paixões sou susceptivel,
A molleza detesto, bem o sabes:

Digitized by Google

Quando cumpre, Senhor, em campo armado,
Ensinado por ti, brandindo a espada
Sei por acções mostrar que sou teu filho;
Nem para ser bom Rei (Senhor, perdôa)
Eu julgo necessario huma alma dura;
Mas antes me persuado não devêra
O que fosse insensivel reger Homens,
Corações que á ternura se não rendem,
Jámais sabem carpir alheios males;
Nem doêr-se das lagrimas do afflicto.

Af. Apagada a razão, cégo deliras;
Isentos de paixões os Reis ser devem;
Manão dos seus os publicos costumes.
Se exemplificão mal os seus Estados,
Os vicios dos Vassalos são seus vicios;
Devem sacrificar os seus desejos;
Ser comsigo crueis á bem dos Povos,
Que o Ceo lhes confiou; e os que se ensaião
Para lhes dar as Leis, devem mostrar-se
Capazes d'estes nobres sacrificios.
Os consorcios dos Principes são obra
Dos int'resses do Estado; elles decidem,
Elles dispõem de nós. Deixem-se ao Vulgo
Caprichosos melindres com que exige,
Que aos laços d'Hymenêo amor presida.
As doçuras de Amor para os Monarchas
São de pouca valia: a nossa gloria
Não se firma em tão fraços alicerces.

Digitized by Google

PED. Se aos que devem reinar he necessario
Ceder dos privilegios, dos direitos
Que a Natureza deo aos Homens todos,
Por tal preço, Senhor, não quero o Throno!
Laços formar, que o coração repugna,
Origem de desgraças, e de crimes...
Assaz o exp'rimentei... grilhões tão duros,
Por tuas mãos lançados, longo tempo
Com bem custo arrastei... Supportar outros...
Ah! não, Senhor, não posso.

AF. Temerario!
Basta já de soffrer hum filho ingrato.
Se aos rogos, ás razões de hum Pai benigno
Tu não queres ceder, cede aos preceitos
De hum Monarcha severo, e justiçoso.
Eu dei minha palavra, has de cumprí-la:
Os tratados dos Reis não são falliveis:
Debalde pois te oppões...

PED. Mas ah! pondéra...

AF. Tenho em fim decidido. Acaso queres,
Deixando de cumprir o meu Tratado,
Entre os Povos soprar horrenda guerra?
Queres vêr Portugal nadando em sangue?
Contra nós conspirada a Europa inteira,
Abraçando o partido de Castella,
Vir vingar sua injuria? Ah!...

PED. Que recêas?
Portugal vencedor nunca vencido,

Digitized by Google

Zombará do poder do Mundo inteiro.
Tão ousada será, tão nescia a Hespanha,
Que contra nós se atreva a mover guerra?
Não ha de inda lembrar-se o seu Monarcha,
Que te deve os Dominios que possue?
Que ha bem pouco, cercado de inimigos,
Vendo nas mãos o Sceptro vacillante,
Mandou a propria Esposa, filha tua,
A implorar-te que fosses soccorrê-lo,
Ou antes sobre o Throno sustentá-lo?
E que do filial pranto commovido,
Não contente em mandar-lhe tuas Tropas,
Tu proprio á testa d'ellas generoso
Quizeste ir debellar seus inimigos,
E segurar-lhe a C'roa na cabeça?
Ha de offender quem soube defendê-lo?
Quem póde, apenas queira, anniquillá-lo
Não; quem vio pelejar, ao teu commando
Nas margens do Salado os Portuguezes,
A atacar Portuguezes não se atreve;
E se a tanto chegar a sua insania,
A' maneira dos seus antepassados,
Chorando opprobrio de ficar vencido,
Caro lhe custará seu louco arrojo.
Oxalá que elle á guerra nos convide!
Poderia teu filho então mostrar-te,
Que te sabe imitar quando he preciso,
Novos louros cingindo ao teu Diadema.

Digitized by Google

Af. Que desatino! Oh Ceos!... Eu me envergonho
De te haver dado o ser: de te ouvir tremo...
Tristes Vassallos meus, amados filhos,
Que Monarcha vos deixo sobre o Throno!
Tu desejas a guerra? Esse flagello,
Que envergonha, e devasta a Humanidade!
O capricho dos Reis que importa aos Povos!
Ouve as lições de hum Pai, posto que iroso
Só devêra tractar do teu castigo.
Eu não posso deixar quando te escuto,
De repreender-te, ó filho, e de ensinar-te:
Talvez por ti mandado á sepultura,
Bem depressa no Throno me succedas;
Não te esqueças então dos meus dictames:
Poupa o sangue dos miseros Vassallos,
Do mais infimo d'elles préza a vida
Outro tanto que a tua; teme a guerra,
Que ao proprio vencedor sempre he funesta;
No meio do triunfo os bons Reis chorão.
Nessa mesma tão célebre batalha,
Que julgas me cingio de louro eterno,
Quando juncavão do Salado as margens
Os montões de cadaveres sem conto
De infiéis derrotados inimigos;
Por perder trinta só dos meus Soldados,
Muito cara julguei esta victoria,
E, dentro de mim proprio recolhido,
Mais pranto derramei, do que elles sangue.

Digitized by Google

Os Reis devem ser Pais de seus Vassallos;
Nada mais que o seu bem deve importar-lhes...
Elle exige estas nupcias, que te ordeno;
Suas vozes escuto, e não as tuas.
Já te disse que dei minha palavra;
E torno-te a dizer que has de cumprí-la.
Affonso he teu Monarcha: mando, e basta.
Hoje mesmo comigo para a Corte
Vê que deves partir, vai preparar-te.

PED. Teus passos seguirei, porém debalde...
Celebrar o consorcio que pretendes...
Quizera obedecer-te, mas não posso...
Sem que te diga mais, assaz te digo.

SCENA II.

D. AFFONSO SÓ.

He possivel, oh Ceos, que assim meu filho
Temerario resista aos meus preceitos?...
Que cegueira! Que arrojo! He necessario
Desarraigar-lhe d'alma por violencia
A funesta paixão que o traz de rojo:
Mas de que modo!... Cumpre meditá-lo...
Seja em fim como for, desempenhado
Meu Tratado ha de ser, o ingrato filho,
Em vez de hum Pai benigno, hum Rei severo
Ha de encontrar em mim. Oh lá, D. Nuno. (1)

(1) Chamando.

Digitized by Google

SCENA III.

D. AFFONSO E D. NUNO..

NUN. Que me ordenas, Senhor?
AF. Os Conselheiros
Vai chamar... mas espera, ahi vem Pacheco.

SCENA IV.

D. AFFONSO PACHECO E D. NUNO.

AF. (1) Quem tal dissera, Amigo! Eu me envergonho
Sómente de o pensar: o iroso aspecto
De hum Monarcha, de hum Pai, razões, ameaços
Nada bastante foi: ousa o rebelde
A's nupcias recusar-se, aos meus preceitos;
Mas ha de obedecer-me, aos Ceos o juro.
Os meios estudemos, que efficazes
A sua contumacia vencer possão:
Se necessario for, inexoravel,
Rigoroso serei.
PACH. Dever funesto
He, Senhor, na verdade, o de hum Vassallo,

---

(1) D. Affonso se dirige a Pacheco, e D. Nuno se affasta para o fundo da Scena.

Digitized by Google

Que fiel ao seu Rei, bem que sensivel,
Na precisão se vê de supplicar-lhe,
Que suffoque a piedade, e que castigue...
Mas o int'resse do Estado, e mais que tudo
O decoro do Throno assim o exigem.
De incorrupta lealdade claras provas
Eu protesto dar sempre ao Rei, e á Patria.
Longe de desculpar, porque he teu filho,
Do Principe a Paixão funesta origem
Da sua contumacia; com franqueza
Direi meus sentimentos, sem que possa
Tolher-me as expressões o temor justo
De perder o favor, de ser odiado
De hum Principe que adoro, e que respeito.
Se queres que teu filho te obedeça,
Corta a indigna prizão que maniatado
O coração lhe traz, e que o estorva
De entrar em seus deveres: pune, extingue
Esse objecto fallaz que a alma lhe encanta:
De contrario, Senhor, serão baldados
Outros meios quaesquer que projectares.

Af. Seja punida, sim, seja punida
Mulher que tantos males origina;
Que impera mais do que eu, e que se atreve
A usurpar-me do filho a obediencia.
Seu crime... Mas que digo!... Por ventura
Não he meu filho mais culpado qu'ella?
Serei eu parcial punindo Castro,

Digitized by Google

Sem que seja igualmente castigado
Quem deve mais do que ella ser punido?
PACH. O principe he teu filho, tanto basta
Para ser absolvido, e desculpado:
A condição d'Ignez he mui diversa.
AF. Não puno condições, puno delictos,
Antes de tudo interrogá-la devo.
D. Nuno, chama Ignez. (1) Ouvi-la quero,
Sondar seu coração; depois veremos
Se he digna de castigo.
PACH. Ah! Se attenderes
Suas vozes, Senhor, suas escusas,
Por seu astuto pranto subornado,
Deixarás por piedoso de ser justo.
Quem foi capaz de fascinar o Filho,
Póde o Pai fascinar. Arte impostora
A peitos feminís Amor suggére:
Quando as abraza criminosa chama,
Negão as expressões, o que a alma sente,
E c'o auxilio das lagrimas convencem.
Attende, attende só ao bem do Estado,
Ao exemplo que deves ao teu Povo,
Que murmurando já talvez se azede
Se vir que em nova guerra o precipita
Do Principe a paixão escandalosa.
Não soffrerá Castella a grave affronta

(1) Parte D. Nuno.

Digitized by Google

De ser do seu Tratado em menoscabo,
Por teu Filho Beatriz repudiada :
E o consorcio D. Pedro não celebra,
Sem que até da lembrança Ignez lhe affastes.
Atalha em quanto podes tantos males :
Muitas vezes punir he ser piedoso.

Af. Tu me fazes entrar nos meus deveres.
Para me resolver a castigá-la
Basta o bem do meu Povo que me lembras.
No coração de hum Rei digno do Throno,
Se os int'resses do Estado à voz levantão,
Compaixão, amizade, natureza,
Tudo, tudo immudece. Exterminada,
Em remota clausura Ignez reclusa,
Da presença do Principe se affaste :
Não torne a ver meu filho essa que o céga,
Em quanto, da razão accêso o facho,
As tochas de Hymenêo arder não faça ;
E se isto não bastar, mão lançaremos
De outro efficaz, duro remedio.

Pach. Não bastará talvez ; por mais que seja
Recatado, e remoto qualquer sitio,
Que para o seu desterro escolher possas,
Lá mesmo irá teu Filho arrebatá-la.
Eu calo o mais que sinto, e só te lembro
Que a quereres com ella ser piedoso,
Poupando-lhe hum maior, justo castigo,
De Portugal ao menos a desterrês.

Google

Occasião, Senhor, tens opportuna
De enviá-la ao Monarcha de Castella,
Que zeloso da filha no decoro,
Guardará providente em seguarnça
A rival que se atreve a disputar-lhe
O coração do Principe. Este arbitrio
Segue pois, se te apraz, bem que ainda o julgo
Para tão grande mal remedio fraco.

AF. Seguirei teu conselho; porém antes
Já de brandura usando, já de ameaços,
Quero tentar o coração de Castro;
Vêr se a posso mover a que ella mesma
As chammas que accendeo apagar busque...
Mas ella para aqui já se encaminha.

SCENA V.

D. AFFONSO, IGNEZ, PACHECO E D. NUNO (1).

IGN. Eu desfalleço... Oh Ceos!... Excelso Affonso,
Permitte que a teus pés Ignez prostrada... (2)

AF. Levanta-te, ardilosa. Não he digna
De beijar a Mão Regia huma vassalla,
Que a perpetrar se atreve altos delictos.

---

(1) Pacheco affasta-se para o fundo da Scena, logo que Ignez se chega ao Rei, e D. Nuno que a conduz se retira.

(2) Prostra-se aos pés do Rei.

Digitized by Google

IGN. Eu perpetrar delictos! Quaes são elles?
Fiel sempre ao meu Rei, vassalla humilde,
Ignoro em que offendesse a Magestade.
AF. (1) Além de criminosa inda impostora!
A fallaz artificio em vão recorres.
De sobejo sciente do teu crime,
Tua simulação mais me enfurece:
Ousarás tu negar que amas meu filho?
IGN. Não, Senhor, a negá-lo não me atrevo...
Nem, por mais que eu quizesse, poderia
Deixar de confessar o que os meus olhos,
O rubor de meu rosto assaz te explicão:
Sim, se he delicto amar, e ser amada,
Meu coração, Senhor, he criminoso...
Mas eu não sou culpada.
AF. Que proferes?
Se confessas tu mesma o teu delicto,
Dizes não ser culpada?
IGN. Sou ingenua.
Em chamar-me impostora te enganaste:
Tenho-te dicto assaz... e mais dissera,
Se licito me fosse.
AF. Acaba, dize:
Que cegueira fatal, que louco arrojo,
Vãs, altivas idéas te inspirárão?
Como intentaste ousada ter imperio

(1) Contemplando-a iroso.

Digitized by Google

No coração d'hum Principe? Não vias
A distancia empinada, inaccessivel,
Que do teu berço vai ao Throno excelso?

Ign. Quando amante paixão nos predomina,
Offuscada a razão, a ninguem lembrão
As distincções fataes do berço, e sangue.
São iguaes ante amor os mortaes todos:
De virtude sómente se enamora
Huma alma virtuosa: só virtudes
Convidárão Ignez amar teu filho.

Af. E atréves-te a fallar inda em virtude?
Não profanes palavra tão sagrada;
Antes dize que estólida esperança,
Avidez de reinar, te fez culpada.
Talvez da minha já cançada vida,
Contando os longos importunos dias,
Te tardava o momento suspirado,
Em que, baixando Affonso á sepultura,
Vazio o Throno, aos teus desejos franco,
Te cingisse o Diadema a indigna fronte.

Ign. Que injustiça!... Minha alma não conheces,
Não conheces de amor o desint'resse?
Quem ama, só deseja ser amado.
E a par de hum coração como o de Pedro,
Os Diademas que são? Que vale o Mundo?
Quem de seu terno peito o imperio obteve,
Mais imperio não quer: nem se deslumbrão
As almas grandes c'o esplendor do Throno.

Digitized by Google

Quando a amor succumbi, do Solio estava
Mais longe que o meu berço a minha idéa:
Por isso não medi como devêra
A declive distancia que os separa;
Mas hoje a vejo assaz, e mais deploro
A condição do Principe, que a minha;
Quizera que tivesse antes nascido
Vassallo o meu amante, que eu Princeza:
Longe de o cobiçar, detesto o Throno:
Nelle diviso só barreira odiosa,
Que entre peitos sensiveis sorte adversa
Alçou para que nunca unir-se possão...
Sei que sou infeliz... e o serei sempre.

Af. Podes inda evitar maior desgraça;
Quem logo que o conhece o crime atalha,
A innocencia recobra. Extingue, ó Castro,
As criminosas chammas que sopraste;
Quanto são detestaveis não ignoras,
E bem vês que nutri-las mais não podes.
Antes pois que do Principe te affastes,
(A tão graves delictos leve pena,
Que hum benigno Monarcha te destina)
Teu completo perdão merecer busca.
Tu mesma de seus erros o dissuade,
E o convence a cingir-se aos dignos laços
Do plausivel consorcio que lhe ordeno:
Concorre para o publico socego,
Em vez de o perturbar: não exacerbes

Digitized by Google

Pertinaz em teu crime as minhas iras.
Teme o castigo atroz de que és credora,
Se ao coração do Principe as que urdiste
Prisões abominaveis não desatas.

IGN. Muito exiges de mim!... Ah! se eu podesse
As algemas romper que nos vinculão,
Só por te obedecer (crê-me) o fizera:
Mas como n'hum momento arrancar posso
Do peito de teu filho sentimentos,
Que amor, e sympathia originárão,
Para sempre deixar a terna amante,
E subito ir lançar-se em braços de outra!...
Se elle tivesse huma alma tão voluvel,
Por amá-lo increpada eu não seria?
Que proferi?... Deliro... Oh Ceos... Perdôa...
Perdôa-me, Senhor, talvez o tempo...
Extinguir poderá... Não sei que digo.

AF. Basta: immudece já, mulher soberba.
De sobejo em tua alma tenho entrado.
Ousas alardear, ante mim proprio,
Do mais nefando crime! Ah! que castigos
Bastarão a punir teus attentados!
Tudo quanto ha de horrivel...

Digitized by Google

SCENA VI.

D. AFFONSO, IGNEZ, COELHO E PACHECO.

COEL, De Castella
Embaixador chegou, que Audiencia pede.
AF. Entrar póde.

SCENA VII.

D. AFFONSO, IGNEZ E PACHECO.

AF. Retira-te, atrevida;
De meus olhos te affasta; vai, que em breve
Te serão minhas ordens intimadas.
IGN. Humilde, e respeitosa hei de cumpri-las.
Mas só te rogo que, antes de punir-me,
Te dignes sem paixão sondar meu crime;
Pois se pezares bem os meus delictos,
Espero que me julgues desculpavel. (1)

---

(1) Retira-se Ignez, e D. Affonso fica pensativo, em quanto Pacheco falla.

Digitized by Google

SCENA VIII.

D. AFFONSO E PACHECO.

PAC. Que insolente altivez ostentar ousa!...
Eu te lamento, ó Rei, quando te vejo
Na dura precisão de repellires
Da tua alma os impulsos compassivos,
Constrangido a punir asperamente,
Para evitar terriveis consequencias.

SCENA IX.

D. AFFONSO, COELHO, PACHECO E O EMBAIXADOR.

EMB. A Filha do meu Rei, que te saúda,
Já dos Dominios teus piza as fronteiras;
Mas o boato geral de que teu filho,
Por violenta paixão allucinado,
De Beatriz ao consorcio se recusa,
Aos ouvidos chegou do meu Monarcha.
Que me ordena te diga, e te assegure,
Que se com tal repulsa, em seu desdouro,
O Tractado solemne for violado,
(O que elle não espera) dignamente
Saberá sustentar a toda a força
O decoro da filha, e do seu Throno.

Digitized by Google

Af. Dize da minha parte ao teu Monarcha,
Que para dissipar seus vãos receios,
Bastaria lembrar-se que os Reis Lusos,
Fidelissimos sempre, seus Tractados
Sabem desempenhar : não porque temão
Quaesquer que sejão, estrangeiras forças;
Mas por dever, por gloria, e por costume.
E para lhe mostrar como procedo,
Hoje mesmo desterro de meus Reinos,
E á sua guarda entrego Ignez de Castro,
Que elle julga estorvar da Infanta as nupcias
Podes certificar lhe, que consorte
Ha de meu Filho ser da Filha sua.

Emb. Nem era de esperar que hum Rei tão sabio
Procedesse jámais d'outra maneira.
Prompto vou expedir ao meu Monarcha
A plausivel resposta, que lhe envias.

SCENA X.

D. AFFONSO, COELHO E PACHECO.

Af. Sem demora, Pacheco, apromptar faze,
Para Ignez conduzir, segura escolta :
Vai, Coelho, dizer-lhe que se apreste :
Partirá hoje Ignez para Castella,
E meu filho comigo para a Corte.

Coel. Oxalá que assim seja! Mas duvido.

Digitized by Google

Em castigar avaro em demazia,
Além de ser, Senhor, simples desterro
Aos delictos de Ignez pena mui leve;
Receio que de horriveis attentados
Seja origem fatal este projecto.
Fôra talvez melhor lançar mão logo
Dos efficazes, ultimos remedios.
Eu conheço o caracter de teu filho:
Mal souber que roubar-lhe Ignez intentas
Dos filiaes deveres esquecido,
Com braço armado, temo que se atreva
Contra seu proprio Pai.

AF. Nem tal profiras:
Não faças a meu filho essa injustiça:
De tão feio attentado basta a idéa
Para me horrorisar. Ide ligeiros
Fazer que as minhas ordens se executem.
Ah! se alguem se atrevesse a contraví-las,
Seu tremendo castigo serviria
De memorando exemplo ao Mundo inteiro.

Digitized by Google

ACTO III.

SCENA I.

IGNEZ SÓ.

Miseranda!... Que trance! oh desventura!
Oh sentença cruel!... Venceste, ó Fado.
Apraziveis lugares, testemunhas
Do mais ardente amor, ah, para sempre
A malfadada Ignez de vós se aparta...

Digitized by Google

Quanto fôra melhor, quanto mais doce
Deixar a vida, que deixar o amante!...
Que!... Eu... deixar o amante?... Oh caro Esposo!...
Oh Ceos! podeis mandá-lo, ou permitti-lo?
Sereis tambem crueis como os humanos?
Condemnareis os mesmos, que soprastes,
Sentimentos d'Amor, da Natureza?
Para hum castigo tal quaes são meus crimes?...
Se me queres punir, Deos de vingança,
Os raios tens nas mãos, accende os raios,
Meu terno coração reduze ao nada;
Mas d'outro coração, a que o ligaste,
Separá-lo jámais... Ah! nem tu mesmo,
Nem tu, que podes tudo, tanto podes...
Que proferes, blasfema! Aos Ceos te atreves?...
Oh virtude! Oh razão! Desamparais-me?...
Onde, Ignez, onde está tua constancia?
A os teus deveres torna, entra em ti mesma.
Orgão do Ser Supremo, hum Rei te ordena,
Que do Esposo te apartes; não resistas;
He força obedecer; enfrêa n'alma,
Suffoca as afflicções, cala os queixumes:
Co'as desgraças os crimes não mistures:
Mas deixá-lo!... Ai de mim... Deixá-lo!... Agora,
Agora he que eu conheço as furias todas,
Toda a força d'amor: elle triunfa
Da razão, da virtude, e dos Ceos mesmos.

Digitized by Google

SCENA II.

IGNEZ E ELVIRA.

ELV. Senhora...(Ai triste!...o pranto me suffoca!)
Se he certo que impias ordens te condemnão
A deixar Portugal, a triste Elvira,
Que protestou viver, morrer comtigo,
Sempre junto ao teu lado, a qualquer parte
A que te arreje a sorte, ha de seguir-te:
Confio que esta graça me concedas.

IGN. Ah! não venhas juntar aos meus pezares
O quadro da Amizade consternada;
Para esmagar-me o coração sensivel
Bem basta Amor, a Natureza basta.
Não posso resistir a tantos males,
Aos golpes da saudade que retalhão
Da atribulada Ignez o peito afflicto.
Mais pranto com teu pranto não me arranques,
Que a hum terno coração inda mais custão
As lagrimas que move, que as que verte.
He mesmo o ser amado hum bem funesto,
Que exacerba a desgraça aos desgraçados.

ELV. He possivel haver almas tão duras,
Que hum tão sensivel coração flagellem!...
Mas ah!... Porque aos pezares succumbimos?
D. Pedro he teu Esposo; elle ha de oppôr-se

Digitized by Google

Defensor poderoso em teu soccorro;
Ha de frustrar da tyrannia ás ordens;
Nelle pois confiemos : a excitá-lo
Bastarão tuas lagrimas...

IGN. Que dizes!
Que terrivel idéa me despertas!
Em vez de confortar-me, vens, Elvira,
Abater-me a constancia, aconselhar-me
A que contra seu Pai revolte hum filho?...
Ah! não... Embora Ignez infeliz seja;
Mas nunca origem de rebeldes crimes :
Amortecida já, mas inda accêsa
Brilha a luz da razão dentro em minha alma,
Não consistas, oh Ceos, que amor a apague;
Fortallecei meu peito. Sim, eu devo,
Eu devo submetter-me ao meu destino:
Cumprão-se as duras leis do duro fado.
Amargurada irei longe do Esposo
Acabar entre as garras da saudade...
Porém os caros filhos... Ah! comigo,
Comigo os levarei. Doces penhores
Do mais constante amor, sereis ao menos
Na minha adversidade terno allivio...
Entre os meus braços sempre, sempre unidos
Da inconsolavel Mãi ao peito anciado,
Cobertos de caricias, de suspiros,
Banhados com meu pranto, em seus semblantes
O semblante verei do esposo ausente.

Digitized by Google

Aprenderão de mim... Mas ah! Que digo!...
Quereria eu acaso, associando
Ao pavoroso horror do meu destino
O destino dos filhos innocentes,
Tolher sua ventura?... Não; entregues
De seu Pai aos desvelos, abrigados
A' sua sombra fiquem; lembrem-lhe elles
A miserrima Ignez continuamente...
O retrato da Mãi nos filhos veja,
Que eu memorias do Esposo não careço,
No coração gravada a sua imagem,
Ante os meus olhos sempre ha de seguir-me,
Ha de, em quanto eu viver, viver comigo,
E comigo baixar á sepultura.

SCENA III.

D. PEDRO, IGNEZ E ELVIRA (1).

PED. Ignez, querida Esposa... Mas que vejo!
Debalde buscas enxugar teu pranto:
Aos olhos de hum amante nada escapa.
Impressas no teu rosto bem diviso
As afflicções, que o coração me partem.

---

(1) Ignez, apenas vê D. Pedro, busca enxugar as lagrimas. Elvira affasta-se para o fundo da Scena, e pouco depois se retira.

Digitized by Google

Que motivo... Mas devo eu perguntá-lo?
Não sei assaz a origem dos teus males?...
Eu sou, sim, sou eu mesmo o teu flagelo;
Mas o teu defensor, o teu Esposo:
Nada receies pois, nada te afflija...
Porém as tuas lagrimas se dobrão?...
Oh Ceos!...

IGN. Amado Esposo, não repares
Não te afflijas co'as lagrimas que choro:
As tuas expressões, tua presença
Aggravão minha dor, meu pranto augmentão.
Ah! pelos tristes olhos sahir deixa
Meu coração em lagrimas desfeito.

PED. Antes em borbotões todo o meu sangue
Eu quero ver correr, do que o teu pranto.
De tua alma desterra vãos temores,
Extermina os pezares, não succumbas
Aos males transitorios que te opprimem.
Os caprichos do Fado, a desventura
Calcaremos aos pés: sim, cara Esposa,
Sempre unidos seremos venturosos.

IGN. Unidos, dizes tu?... Oh Ceos!... Unidos?...

PED. Pois quem, quem poderia separar-nos?

IGN. O rigor... Ai de mim! Que vou dizer-lhe?...
Que raio a triste Ignez vai fulminar-te?...
Poupar teu coração, oh Ceos! quizera;
Porém eu a deixar-te não me atrevo,
Sem que te diga adeos... Ah! caro Esposo!

Aperta-me em teus braços, e recebe
As minhas derradeiras despedidas.

PED. Que escuto!.. Que acontece? Ignez, que dizes?

IGN. Para sempre de ti vou separar-me.

PED. Separar-te de mim!

IGN. Atroz conflicto!...
Caro Principe, Esposo, não te esqueças
Da desditosa Ignez... Mas ah! que digo!
Esquece-me se podes, sê ditoso;
Vive, vive feliz: eu só te rogo,
Que dos queridos filhos te encarregues;
Que affagues sua infancia, que os ampares;
Que os defendas da inveja, da impiedade:
Não cogites de mim, d'elles só cuida,
He forçoso ceder ás leis do Fado:
Longe de ti, mirrada de saudades,
Vou exhalar meus ultimos suspiros.

PED. Oh desesperação! Que idéa horrivel
Surge dentro em minha alma! Acaso (eu tremo!)
Atrever-se-ha meu Pai...

IGN. Aos seus preceitos
Obedecer devemos: intimados
Me forão já: de Portugal banida,
Partir devo hoje mesmo para Hespanha.

PED. Oh Furias! He possivel? Rei tyranno,
Não levarás avante os teus projectos...
Nem elle, nem os Ceos, nem os Infernos
Poderão arrancar-te de meus braços.

Google

Desenganá-lo vou, parto a fallar-lhe:
Trema o cruel de mim, se não revoga
A barbara sentença.

IGN. Oh Ceos! Que fazes?

SCENA IV.

D. PEDRO, IGNEZ E D. SANCHO.

SANC. Teu Pai, Senhor, te busca: tudo prestes
Para voltar á Corte... Mas que vejo!
Elle mesmo he que vem.

PED. Querida Esposa,
Retira-te, eu t'o rogo... Nada temas.

IGN. Eu me retiro, sim; mas só te imploro,
Que te lembres que és filho, e que és vassallo.

PED. Mas Esposo tambem, que é mais que tudo.

SCENA V.

D. AFFONSO, D. PEDRO E D. SANCHO.

AF. Então, quem nestes sitios te demora?
Eia, segue-me já.

PED. Quem, eu!... Seguir-te?...
Abandoná-la! Não, não te obedeço.

AF. Que escuto, oh Ceos!

PED. Inda não disse tudo,

Digitized by Google

Attende-me, Senhor : he necessario
Declarar-me comtigo ; o véo se rasgue ;
He tempo, he tempo em fim que me conheças.
Entra em meu coração desesperado,
De virtudes capaz, capaz de crimes,
Se a crimes o excitar a tyrannia.
Sabes que adoro Ignez, e projectavas
Roubá-la ao meu amor? Que infernal furia
Te aconselha a punir huma innocente,
Que he só culpada, se a virtude he crime?
E esperavas acaso que eu podesse
Cobarde tolerar seu menor damno,
A injustiça maior, sem defendê-la,
Sem oppôr-me aos designios da impiedade?
Eu fôra dos mortaes o mais abjecto,
Se deixasse opprimir...

Af. Ah! não prosigas ;
Immudece, rebelde. Não sei como
Reprimir posso a colera... Que arrojo!
Ousas tu murmurar dos meus Decretos?

Ped. Não só murmuro, atrevo-me a frustrá-los.
A razão, e os Ceos mesmos me authorisão,
Defendendo a minha Esposa.

Af. A tua Esposa!...

Ped. A minha Esposa, sim. Sabe que os laços
Do sagrado consorcio a Ignez me ligão.
Intentarias pois opprimí-la?...

Af. Não julgues illudir-me, não te creio :

Digitized by Google

A tão subtil ardil em vão recorres.
Que! Esposa de meu filho huma vassalla!...
PED. Huma vassalla, sim, para quem fôra
Do Mundo todo o Imperio inda pequeno:
Não duvides, Senhor. Que encontras nella
Que indigna de teu filho julgar possas?
Eu não quero fallar do Regio sangue,
Que, dos teus accendentes derivado,
Lhe circula nas veias: outros dotes
Mais bellos, mais sublimes a ennobrecem:
Vassalla, a quem os Ceos prodigos derão
Todas as perfeições que os Ceos dar podem,
Para ser do teu filho digna Esposa,
Ser filha de Monarchas não precisa.
Se Ignez he virtuosa, que lhe falta?
Quem mais digna do Throno que a Virtude?
Mas dos seus predicados prescindamos.
Castro he minha Consorte, tanto basta;
He Princeza, por tal a reconhece,
E o decoro lhe guarda de que he digna.
AF. Sim, tratada será como merece...
Brevemente o verás.
PED. Olha o que fazes...
Não queiras constranger-me inexoravel
A perpetrar horriveis attentados:
Se como Pai benigno, e Rei clemente
Praticares comigo, has-de em mim sempre
Encontrar hum Vassallo respeitoso,

Digitized by Google

E hum filho obediente; mas se acaso
Insistes em roubar-me a cara Esposa,
Hum mortal inimigo em mim contempla,
Que cégo, furioso, e desesp'rado,
Sem attender senão aos seus transportes,
Será capaz de horrendos sacrilegios.
Evitando-os, atalha huma injustiça;
Revoga pois a barbara sentença.

AF. Sim, por outra mais justa, revogada
(Descança) ella vai ser. Espadanando
Ha de em teu coração da infame o sangue
As chammas apagar que te devorão.

PED. (1) Primeiro que o seu peito a ferir chegues,
Hão de ser-me as entranhas arrancadas:
Ha de em rios correr todo o meu sangue...
E o teu sangue tambem, se for preciso.

AF. Oh Ceos!... Tremo de horror!...

SANC. Senhor, que fazes?
Ousas contra teu Pai?

PED. Ah! que proferes?
Pai? Eu tenho inda Pai?... (2) Não, não, tyranno,
Tu meu Pai já não és: não sou teu filho...
Hum cruel como tu... Porém que digo!...
Com quem fallo?... Onde estou? Quem me arrebata!
O inferno, as furias todas me espedação...

---

(1) Desesperado.

(2) A D. Affonso, no mesmo frenetico arrebatamento.

Quem falla não sou eu, trovejão ellas...
Sacrilego!... que fiz!...

AF. Ceos, estais surdos!...
Onde os raios estão, que inda não chovem
Sobre hum monstro, que tanto os desafia?
Vingança!... Maldições!...

PED. Tudo mereço.
Ah! Se os Ceos inda immoveis não fulminão,
He talvez que, assombrados de escutar-me,
A desprender os raios não se atrevem.
Debaixo de meus pés tremendo a terra,
Quer abrir-se, e não ousa devorar-me...
Até mesmo os abismos se horrorisão
De hum monstro, que soltou tantas blasfemias...
Oh terror!... Oh remorsos!... Crime horrendo!..
Mas sabe o Ceo, Senhor, que, involuntarias,
Não teve o coração parte nas vozes,
Que por meus labios despejou o Inferno...
O inferno todo, que no peito encerro.
Não me julgues capaz... Porém que digo!...
Infeliz!... Desculpar-me intento ainda?
Horror da natureza, e de mim proprio,
Nem me atrevo, Senhor, a supplicar-te
O perdão... Não, eu d'elle não sou digno.
Do pezo da existencia me allivia;
Vinga da Natureza as leis sagradas,
O respeito devido á Magestade,
Que atropellei feroz: eterno exemplo

Digitized by Google

Tu deves dar em mim ao Mundo inteiro.
Salpicadas de sangue estas paredes,
Que ouvirão minha voz blasfemadora,
Aos seculos vindouros apregoem
Meu lastimoso fim : ao vê-las tremão
As Gerações futuras de imitar-me. (1)
Eis-me a teus pés prostrado; vibra o ferro;
Eis meu peito, retalha-o : não te lembres
Que foste já meu Pai... sou delinquente :
Lembra-te só que és Rei, castiga o crime.
Porém... ah! não flagelles a virtude...
Se me deves punir como culpado,
Ignez como innocente absolver deves,
Não me custa morrer; porém não posso,
Não posso consentir que Ignez padeça...
Nem ha de padecer em quanto eu viva.
Pretender separar-nos he debalde;
Té duvido que a morte possa tanto... (2)
Releva ao meu amor estes transportes... (3)
Eu sou sensivel... amo... e sou amado.

AF. Todos os meus sentidos perturbados,
Cheio de ira, e de horror... nem fallar posso...
Affastem-me da vista esse rebelde.
Ao proximo Castello conduzido,

---

(1) Prostra-se aos pés de Affonso.
(2) Tornando em si.
(3) No tom mais pathetico.

Digitized by Google

Seja em prizão segura afferrolhado :
Sua guarda, D. Sancho, eu te confio;
Em quanto justiçoso, inexoravel,
Em Conselho d'Estado não decido
Qual ser deve o castigo de seus crimes,
E o supplicio da infame, que os motiva.
Treme do meu furor, malvado, treme :
Este dia talvez, dia horroroso!
Será na longa série das idades,
De eterno espanto a Portugal, e ao Mundo.

SCENA VI.

D. PEDRO E D. SANCHO.

PED. Inda mais horroroso do que pensas
Certamente será, se não desistes
De tão crueis designios. Que impiedade!
O supplicio d'Ignez! Da minha Esposa!...
Como posso deixar de rebellar-me?
Como evitar hum crime necessario,
Que o dever, e a ternura me prescrevem?...
Hum crime disse?... Ah, não; longe os remorsos;
Defender huma Esposa não he crime;
Crime fôra deixá-la ao desamparo.
Longe, maximas vãs, leis oppressivas,
Que a tyrannia impoz sobre a ignorancia.
Nada se deve aos Pais pela existencia :

Google

Os desvelos depois, seus beneficios
São os titulos só que lhes conferem
A' nossa obediencia hum jus sagrado.
Meu coração revoga os seus direitos:
Arrependo-me só de arrepender-me
Pelos ter justamente sustentado.
Querias, Rei cruel, afferrolhar-me
Em segura prizão, para a teu salvo
Me poderes roubar a cara Esposa?...
Debalde o projectaste, não...

SANC. Deliras?...
Que intentos são os teus?... Resistir queres
A's ordens de teu Pai, que enfurecido...

SCENA VII.

D. PEDRO, D. SANCHO E D. IGNEZ.

IGN. Esposo, que fizeste?... Oh Ceos, eu tremo!...
Da tua voz medonha horriveis écos
Inda nestas abobedas retumbão;
De furor suffocado, o rosto em fogo,
Affonso espavorido, a longos brados
Chama pelos atrozes Conselheiros:
Certamente, faltando-lhe ao respeito,
Lhe exacerbaste as iras. Que fizeste?

PED. Menos inda talvez do que devia.
Não te importe o que fiz, faze o que digo.

As furias não receis do tyranno;
Vai subito buscar os tenros filhos,
E dispôe-te a seguir-me.

IGN. Como!... Aonde?...

PED. Deixemos estes sitios, onde imperão
A discordia, a injustiça, a iniquidade.
Evitemos o extremo dos horrores:
Acompanha-me, Esposa, se não queres
Ver-me inda parricida.

SANC. Oh Ceos!

IGN. Que insania?
Ah! Que dizes? Que intentas?

PED. Defender-te,
E possuir-te em paz; poupar-me ao crime.
A tua vida, Ignez, ameaçar ousão;
Affonso pretendia encarcerar-me,
Talvez para ordenar o teu supplicio:
Atreveu-se a dizer-mo: he necessario
Fugir-lhe, ou repellir com braço armado
Seus barbaros designios: eia, vamos,
Não te demores mais.

IGN. Eu desfalleço!...
Desgraçada!... Onde queres conduzir-me?

PED. Se necessario for, ao fim do Mundo:
A meu lado segura, em qualquer parte
Seremos venturosos; ermas grutas,
Morada simples de prazeres puros,
Mais gratas nos serão que aureos Palacios,

Digitized by Google

Habitação fatal dos males todos.

IGN. Que me propões, Senhor! A voz me falta...

SANC. Ah, Principe! Contempla o precipicio
Em que vás despenhar-te, e a que me arrastas.
Responsavel por ti...

PED. A nada attendo. (1)
Podes tambem, querendo, acompanhar-nos.
Sim, eu te rogo, vem... De cãs coberto
Tens conhecido assaz o ar pestilente,
Que nas Côrtes costuma respirar-se,
Halito venenoso, que derramão
A traidora lisonja, a fraude, a intriga,
Que em torno aos Solios quasi sempre girão.
Longe de tanto horror, ah, vem ao menos
Gozar em paz o resto de teus dias.

SANC. Feliz eu, se hontem fosse o derradeiro!
Ah! Querias que proximo ao sepulchro
Fosse ao meu Rei traidor? Que concorresse
Para hum tal desatino?... Eu, que incumbido
Da tua educação (funesto emprego)
Por elle mesmo fui, socio seria
Em teus crimes, soffrendo qu'infringisse
Teu dever!...

PED. Qual dever? Fúteis chimeras!
O primeiro dever he ser ditoso,
He seguir d'alma o natural instincto.

---

(1) Para D. Sancho.

Digitized by Google

Vamos, querida Ignez.

IGN. Oh Deos! Que trance!...
Frenetico... ai de mim! Que premeditas?
Teu nome, tua gloria offuscar queres?
Seria a triste Ignez tão desgraçada,
Que, origem de teus crimes, tolerasse
A infamia de te ver por seu respeito
A Patria abandonar, e o Throno excelso?...
Ah, que diria o Mundo...

PED. Que diria?
Que o esplendor do Solio não deslumbra
Huma alma como a minha. Eu nada perco
Em deixá-lo por ti, não, cara Esposa;
Vale mais ser feliz, que ser Monarcha.

IGN. E póde ser feliz quem atropella
Da sociedade as leis, do sangue as vozes?
Ah! desiste, Senhor, de teus projectos;
Obedece ao teu Rei: jámais esperes,
Que eu approve, ou consinta os teus delirios:
Nem te deixo partir, nem te acompanho.,.
Eu não quero roubar a hum Pai seu Filho,
Nem tolher a ventura aos Lusitanos,
Privando-os do melhor dos seus Monarchas.
Se os meus rogos...

PED. Teus rogos são inuteis:
Que! recusas, Ignez, acompanhar-me?...
Ah, não vês nestes sitios horrorosos
Girar em torno a nós a morte, e os crimes!

IGN. He para os evitar que eu te não sigo.
A honrá, a gloria valem mais que a vida.
Entre os crimes, e a morte, a morte escolho.
Mas ah! porque tão proxima a divisas?
Decretou-m'a teu Pai? Nada me encubras:
Sabe elle já que em vinculo sagrado...
PED. Tudo lhe revelei: mas o tyranno,
Fingindo não poder acreditar-me,
Orgulhoso, tenaz em seu capricho,
Ameaçou-me... que horror! com teu supplicio;
E, para a seu sabor poder julgar-te,
Em segura prizão manda encerrar-me
No proximo Castello. He pois forçoso...
IGN. Obedecer-lhe, sim.
PED. Obedecer-lhe?...
IGN. Indispensavel he, vai, caro Esposo;
Submisso aos Paternaes Regios perceitos,
Eu t'o rogo, Senhor, á prizão corre.
Outro meio não tens para salvar-me;
Nem eu por outro meio a vida quero:
Outra vez t'o asseguro, eu não te sigo;
Jámais conseguirás...
PED. Basta: não queres
Estes sitios deixar? Queres ver nelles
Derramados por mim rios de sangue?...
De huma austera virtude enthusiasmado
Ao parricidio, em fim, queres forçar-me?
Pois bem, a perpetrá-lo estou disposto.

Digitized by Google

Eu vou, sim, eu vou já...

IGN. Cruel, detem-te:
Meus gemidos, meu pranto já não podem
Mover-te o coração, domar-te as furias?
Onde o imperio que Ignez tinha em tua alma?

PED. Não te cances, debalde são agora
Teus rogos, o teu pranto, os teus gemidos:
Este dia horroroso he consagrado
A' desesperação, ao crime, á morte.
Inflammado em meu peito, só com sangue
Das furias o tição póde apagar-se.
Impedir ninguem póde, nem tu mesma,
Os golpes espantosos, que o meu braço
Vai já descarregar.

IGN. Por mim começa:
Rasga-me o coração, da Esposa o sangue
Seja o primeiro sangue que derrames;
E se elle não bastar a saciar-te,
Aos sacrilegios todos te arremeça...
Que horror! Nem ouso em ti fitar meus olhos.
É tu? Não, tu não és o meu Esposo;
O meu Esposo detestava os crimes:
Eu amava hum Consorte virtuoso;
Virtudes já não tens, já te não amo.
Vai, monstro sanguinario... Mas que disse?
Eu deixar de te amar? Não me acredites:
O terno coração desmente as vozes,
Que, a meu pezar, de ouvir-te horrorisada,

Digitized by Google

Sem tino proferi... Olha o meu pranto. (1)
Abatida a teus pés, co'elles me abraço...
Ou tu has de ceder aos meus lamentos,
Ou ver-me aqui morrer, e aos pés calcar-me.

PED. Oh Ceos!... Querida Esposa. (2)

IGN. Eu não te deixo,
D'aqui me não levanto, sem primeiro
De tua alma banir as negras furias;
Sem que tu me promettas obediente
Ir subito cumprir as Regias ordens.
Ah! se tu amas inda as minhas preces,
Não has de resistir...

PED. Nem já resisto. (3)
Deixar de obedecer-te, ah, quem, quem póde!...
Para a prizão já parto. (4) Amigo, vamos. (5)
Poderás duvidar inda do imperio
Que em meu coração tens?

IGN. Oh Deos! Conforto! (6)
Não me retalhes mais o peito afflicto. (7)
A' trémula razão cede a ternura;

---

(1) Prostra-se, e abraça-se com os pés de D. Pedro.
(2) Enternecido, querendo levantar D. Ignez.
(3) Levanta D. Ignez.
(4) A D. Sancho.
(5) Voltando-se para D. Ignez, e com a maior ternura.
(6) Voltando-se ternissimamente.
(7) Affectando tranquillidade.

Digitized by Google

Não te demores mais...

PED. Mas tu...

IGN. Socega;

Nada temas por mim: o Ceo me inspira
Os meios de abrandar de Affonso as iras.
Irei c'os filhos a seus pés prostrar-me:
Ninguem resiste á voz da natureza:
Por mais duro que seja o seu caracter,
Se tem hum coração, ao ver os Netos
Abraçados em mim, chorar comigo,
Não poderá deixar de commover-se,
De perdoar-me em fim; nada receis.
Adeos, Esposo, adeos. (1)

PED. Ceos! que supplicio!

---

(1) Muito a seu pezar precipitadamente se retira.

Digitized by Google

ACTO IV.

SCENA I.

COELHO E PACHECO.

COEL. Vão decidir-se em fim nossos destinos:
Este o dia arriscado, em que a fortuna
Segura mão nos dá, ou nos despenha:
Ou morre Ignez de Castro, ou nos perdemos.
Resolutos a tudo, he necessario
Os p'rigos affrontar; deve hum Valido,
No cume da grandeza vigilante,
Aos Adversarios seus tramando a ruina,
Primeiro que o derrubem, derrubá-los;
O futuro prever, prever a intriga,
E déstro em conhecê-la, e manejá-la,
A vida antes perder que o valimento.
Nosso plano atéqui tem produzido
O desejado effeito. Affonso irado,

Digitized by Google

O Principe em prizão, tudo parece
Prometter-nos hum exito ditoso.
Tens tu já previnido, alliciado
Os poucos Conselheiros, que nos restão?
Constantes votarão de Ignez a morte?

PACH. Apenas lho' propuz, m'o assegurárão;
Dependentes de nós em gráo mais baixo,
A hum leve aceno autómatos flexiveis,
Eccos da nossa voz, a nosso grado
Amoldando-se a tudo, a tudo prestes,
Servir nossos caprichos tem por gloria.
Entre todos D. Sancho unicamente
Velho estoico, singelo em demazia,
Que as honras, e os empregos menoscaba,
Poderá combater nossos designios;
Mas Alvaro Gonçalves, que se int'ressa
Igualmente que nós d'Ignez na morte,
Se incumbio de sondá-lo, e persuadí-lo.

COEL. Desnecessario he, que, encarregado
Da guarda de D. Pedro, elle não póde
Ao Conselho assistir. Nada mais resta
Do que azedar a cólera de Affonso,
Dar-lhe a beber na taça da Justiça
Adoçado veneno, que o perturbe,
E a voz da compaixão d'alma lhe affaste.
Convém não perder tempo: aproveitemos
Propicia occasião, que fugir póde:
Vamos...

Digitized by Google

PACH. (1) Espera...
COEL. Que! tu desfalleces!
PACH. Confesso que algum tanto perturbado
O coração não sei que me annuncia...
Calculemos melhor sobre o futuro.
Inda mesmo suppondo inevitavel,
Suscitada por nós, de Castro a morte,
He de temer que o Principe ferido
Na parte mais sensivel da sua alma,
Raivando inexoravel, desesp'rado,
Sobre nós descarregue atroz vingança:
Quem poderá suster?...
COEL. Tarde receias:
Nas bordas já do aberto precipicio,
He preciso transpô-lo, ou cahir nelle:
Retroceder o passo não podêmos.
Assaz já sabe o Principe quaes sejão
As nossas intenções, nossos conselhos;
Seu odio contra nós he já sobejo.
Que lucraremos pois, se ora cobardes
Da começada empreza desistirmos?...
Apressar nossa ruina, exacerbá-la?
Se foi razão bastante a conspirar-nos
Contra a vida de Ignez, justo receio
De ver hum dia alçada sobre o Throno
A Irmã de nossos feros inimigos,

(1) Pensativo.

Digitized by Google

Que em nosso damno então fartar podessem
A perpetua aversão que nos jurárão;
Se a nossa ruina assim era infallivel;
Quanto mais o será tendo attrahido
Do Principe o rancor!... Proseguir firmes
He sómente o recurso que nos resta.
Morta Ignez, com o tempo talvez possa
O Principe, esquecendo-a, sujeitar-se
Ao Consorcio, que Affonso lhe prescreve,
E, apagada a paixão, ver-nos sem odio.
Ou victima talvez d'amor infausto,
De saudades mirrado, não podendo
Sobreviver a Ignez idolatrada,
D'Ignez á sepultura a dor o arraste.
Affonso ha de entretanto defender-nos,
E se acaso abortarem finalmente
Nossos designios todos, então mesmo
Não me hei de arrepender de os ter forjado:
Antes quero morrer, inda o repito,
Do que ser por meus émulos calcado,
Contemplados Irmãos d'huma Rainha.

PACH. Sentimentos iguaes me fervem n'alma:
Eia, tudo se arrisque: prosigamos;
Descarregue-se o golpe derradeiro,
Inda que, errando-o, sobre nós desfeche.
Eu parto a congregar os Conselheiros,
Segurar inda mais todos os votos;
E tu no emtanto ao Rei procura, e move;

Sua colera atiça; que eu não tardo,
Juntos os de Conselho, avir chamá-lo,

COEL. Bem: não poupes promessas, nem t'esqueça
Desculpar ante o Rei sempre a D. Pedro,
Fazendo recahir de seus arrojos
Sobre Ignez tão sómente a culpa toda.
Affonso para aqui dirige os passos...
Não percas tempo, vai.

SCENA II.

D. AFFONSO (1) E COELHO.

AF. Crueis remorsos!
Horroroso castigo de meus crimes!...
Infeliz Pai!... Monarcha desgraçado!

COEL. Releva-me, Senhor, que ouse, pungido
Da dor, em que o meu Rei vejo abysmado,
Recordar-te que deves mitigá-la.
Tua vida, Senhor, não he só tua,
Do teu Povo he tambem: ah não, não queiras
A' força de afflicções abreviar-lh'a.
Sei quanto custa a hum Rei ouvir blasfemias
De hum filho, que feroz o não respeita:
Mas deves ponderar que hum tal arrojo
Tão desculpavel he, quanto he violenta
A funesta paixão, de que instigado

(1) D. Affonso entra na Scena pensativo.

Digitized by Google

Teu filho, a seu pezar, o perpetrára;
Delicto involuntario...

AF. O seu delicto
Não he só filho da paixão que o céga;
Força maior o arrasta aos sacrilegios;
Mais que o seu impio arrojo, o que me afflige,
He ver que assaz mereço hum tal castigo,
Das maldições celestes justo effeito.
Oh remorsos crueis!... Era forçoso
Que hum filho de tal Pai fosse rebelde.
Mais do que elle rebelde, filho ingrato
Eu fui, eu fui tambem... Ardendo em furia
Atrevi-me; que horror! a tomar armas
Contra Diniz meu Pai: movi-lhe a guerra,
Sublevei-lhe os vassallos, assolei-os:
Cavei-lhe assim feroz a sepultura;
Todas as leis calquei da Natureza,
A Natureza agora quer vingar-se.
De hum Pai, que contra o Pai se revoltára,
É's, sim, filho rebelde, és digno filho!
Mais me soffreo Diniz do que eu te soffro;
Mas tu has de igualar meus attentados,
Inda os has de exceder; talvez já tardas!
Nem vós podeis, ó Ceos, jámais impunes
Sacrilegios deixar tão execrandos.
Dos Avós implacaveis vingadores
São, por justo castigo, quasi sempre
Máos filhos os do Pai, que foi máo filho.

Digitized by Google

Diniz! Grande Diniz! Sombra iracunda!
Terrivel sombra, que ante mim voltêas!
Sobre a minha cabeça criminosa,
Por mão do ousado neto, descarrega
O já tardio, merecido golpe...
Ah! sim... bem vejo,... ameaçador me apontas
O tremendo futuro, que m'espera...
Que flagello! Que horror! Que mar de sangue!...
Tristes vassallos meus! Ah filho! filho!
Suspende...

COEL. Que delirio te arrebata?...
Teu grande coração sentir não deve
Remorsos, que aos malvados só competem:
Passadas, leves faltas não recordes;
Males não temas, que atalhar bem podes.

AF. Porque não vens, ó morte, alliviar-me
Do pezo da existencia, e de meus crimes!

COEL. Que seria de nós, se os Ceos te ouvissem?
Em desordens submerso, dessolado,
Comtigo Portugal acabaria.
Os clamores escuta do teu Povo,
Conserva-lhe o seu Rei; tão necessario
A teus tristes Vassallos jámais foste:
De mil calamidades ameaçados,
Só lhes póde valer tua justiça.

AF. E como? De que modo evitar posso
Desordens, que a mim mesmo me soçobrão?

COEL. Do mal a causa extincta, o mal expira.

Digitized by Google

Extingue a causa pois de tantos males:
Em quanto existir Castro, que os fomenta,
Debalde intentarás dar-lhe o remedio.

AF. Que dizes! Condemnar Ignez á morte?
Tão graves são os seus crimes, que mereção...

COEL. Os seus crimes, Senhor... Ah! por desgraça,
Nunca o Mundo vio crimes que brotassem
Tão funestas, horriveis consequencias:
Desnecessario julgo referi-las;
Tu bem as sabes, pois assaz te affligem.
Do Principe ardilosa seductora,
Se teu filho he rebelde, se he blasfemo,
Quem, senão ella, o fórça aos sacrilegios!
Não vacilles, Senhor, o seu supplicio
Chega a ser, mais que justo, indispensavel.
Mas não basta o que eu digo a condemná-la:
Tens melhores, mais sabios Conselheiros,
Que juntar já mandaste; ouve os seus votos:
Que se elles zelo igual ao que me inflamma,
Por ti, pelo bem público, tiverem,
Hão de todos unanimes rogar-te,
Que o supplicio de Ignez logo decretes:
Pintar-te co'as mais negras, proprias côres
De Portugal a ruina, se o dilatas;
As dissensões crueis, a horrivel guerra,
Que a vingativa Hespanha vai mover-nos,
E de que os teus Vassallos, fatigados
Das recentes batalhas, já murmurão.

Digitized by Google

A Viuva, que o Esposo perdeo nellas,
Não quer perder agora o caro filho,
Nem o filho, que em lucto inda o Pai chora,
Desamparando a Mãi, expôr-se á morte.
Finalmente, Senhor, tudo te brada
Que sacrifiques huma a tantas vidas;
Que deixes ao futuro eterno exemplo,
Para que ninguem mais seduzir ouse,
A' imitação de Ignez, corações Regios.

AF. Se assim o exige o publico socego,
O Conselho decida o que for justo,
Que eu afflicto não sei o que obrar deva.

COEL. (1) Que vejo! Ignez!... He muito! Inda se atreve
A vir apparecer-te?... Ah, melhor fôra
Retirar-te, Senhor, sem dar-lhe ouvidos.

AF. Vamos, sim... Porém não, devo escutá-la,

COEL. Talvez os do Conselho já te esperem.

AF. Vai tu juntar-te a elles, que eu não tardo.

SCENA III.

D. AFFONSO, IGNEZ, ELVIRA E OS MENINOS.

IGN. Chegai, filhos, chegai, vinde prostrar-vos
Aos pés de vosso Avô; vinde beijar-lhe

---

(1) Avistando Ignez ainda fóra da Scena.

Digitized by Google

Pela primeira vez a Mão Augusta. (1)
Eis, ó Senhor, os filhos de teu filho,
Que vem com tristes lagrimas rogar-te,
Que desta triste Mãi te compadeças.
Chorai, chorai comigo, tristes filhos,
Intercedei por mim com vosso pranto,
Pranto mais expressivo do que as vozes,
Que a vossa tenra infancia não permitte:
Ajudai meus lamentos, minhas preces,
Impetrai meu perdão. Sim, Rei clemente,
Eis a Mãi desgraçada de teus Netos,
Que abraçada com elles te supplica,
Que a misérrima vida lhe conserves.
Sei que vai decretar-se o meu supplicio!
Alvo da intriga, victima da Inveja,
Temorosa, infeliz, desamparada,
A morte já diviso, a injusta morte,
Que raivosos, tyrannos Conselheiros,
Illudindo a piedade de tua alma,
Fulminão contra mim... Que atrocidade!...
Porque enormes delictos sou punida?
Amar, Senhor, teu filho, e ser amada,
Crime acaso será digno de morte?
Imploro, ouso attestar tua justiça
Ah! consulta, Senhor, tua clemencia,

---

(1) Prostra-se com os meninos aos pés de Affonso, e Elvira se retira.

Digitized by Google

Teu coração consulta, que elle mesmo
Te ha de dizer, que a morte não mereço.
AF. Levanta-te, infeliz. (1) Oh Natureza! (2)
Oh de hum Monarcha rigidos deveres!...
Levanta-te, infeliz... (3) Funesta origem
Das crueis afflicções que me consternão...
Ao ver-te me enfureço... e me commovo...
O Pai quer perdoar-te... o Rei não póde.
IGN. Ah Senhor! Perdoar aos desgraçados
He dos Reis o poder mais doce, e augusto:
Sim, do teu coração segue os impulsos;
Triumfe a compaixão, e a natureza,
Não te has de arrepender por ser piedoso;
Antes porém, se á morte me condemnas,
Hão de eternos remorsos flagellar-te,
Incessantes angustias consumir-te:
De Portugal a gloria, as esperanças
Vão sobre a minha campa espedaçar-se.
Verás por ti mandado á sepultura
Comigo, a teu pezar, descer teu filho.
Matando-me, Senhor, ah, vê que o matas!
Os nossos corações, unidos ambos,
Tão ligados estão, que o mesmo golpe
Que retalhar o meu, traspassa o d'elle;

---

(1) Enternecido.
(2) Vai abraçar os Netos, volta o rosto afflicto, e exclama.
(3) Levanta Ignez.

Digitized by Google

Existir hum sem outro não podêmos...
Por elle, e não por mim t'imploro a vida.
Sim, (1) de rojo outra vez torno a abraçar-me
Com tuas Regias Plantas. Tem piedade
Da esposa de teu filho. Ah, se não fossem
Estas doces prisões, que me constrangem
A viver infeliz, e amar a vida,
Longe de instar por ella, sem queixar-me,
Tranquilla recebêra o fatal golpe...
Mas deixar para sempre o que mais amo!
Sou Esposa, sou Mãi... Deos! desfalleço! (2)
Queridos filhos... desgraçados orphãos!...
E que será de vós quando vos falte
A mais terna das Mãis, o Pai mais terno!...
Ah Senhor! se inflexivel ao meu pranto,
A minha situação te não commove,
Presta ouvidos á voz da Natureza:
Mova-te a compaixão o desamparo
D'estas victimas tenras, e innocentes:
Elles culpa não tem dos meus delictos.
Não te lembres, Senhor, que são meus filhos;
Ah, não: lembra-te só que são teus netos...
Mas tu choras? Que vejo! Os Ceos me ouvirão:
Tuas lagrimas vem em meu soccorro,

---

(1) Prostra-se outra vez aos pés de Affonso.
(2) Abraça os filhos com a maior ternura, e afflicção.

Digitized by Google

Ellas o meu perdão já me annuncião.
Acaba de extinguir os meus temores,
Dize, dize, Senhor, que me perdoas..
AF. Não posso resistir... Oh quem podéra
Neste instante deixar de ser Monarcha!

SCENA IV.

D. AFFONSO, IGNEZ, SEUS FILHOS E COELHO.

COEL. Por ti, Senhor, se espera; vem, não tardes;
Que já começa o Povo a amotinar-se.
IGN. Oh Deos! Eu morro!
AF. Ignez, não desesperes.
Inflexivel não sou: meu pranto o affirma;
Mas não posso faltar aos meus deveres;
Não sou senhor de mim, tenho Vassallos;
Perante elles, perante os Ceos, e a Terra,
De tudo quanto obrar sou responsavel;
Despotico não sou; mas sou piedoso.
Tens Affonso por ti, nelle confia:
Ao Conselho d'Estado vou eu mesmo
Tua Causa advogar. Ceos, inspirai-me.

---

(1) Ignez, apenas avista Coelho, levanta-se atemorisada

Digitized by Google

SCENA V.

IGNEZ E SEUS FILHOS.

IGN. Debalde seductoras esperanças
Por mais tempo illudir-me já não podem.
O coração me augura que he chegado,
De meus dias o termo desastroso.
Sim, proximos estais, queridos filhos,
A perder vossa Mãi... vinde a meus braços...
Em breve... ai triste!... em breve hão de faltarvos
Os maternaes, ternissimos affagos...
Para sempre vos deixo... para sempre...
Cruel separação!... dor insoffrivel!...
Horrorosos momentos! Ceos!... Nem posso;
Nem me atrevo... ai de mim! a ver meus filhos:
Quanto mais os contemplo, mais me afflijo...
De todo sinto já faltar-me o alento...
O coração rebenta... que anciedade!...
Ah! parece que a morte... ella já chega...
A descarnada mão... que horror! Espera....
Suspende, ó Morte... deixa que primeiro ..
Meus filhos onde estão?. . Quero inda vê-los...
Crueis, não m'os roubeis... Antes que morra,
Ao menos huma vez quero abraçá-los.
Quem se atreve a arrancá-los de meu peito?
Ah barbaros!... Meu sangue... Esposo? Esposo? ..

Digitized by Google

Onde estás, que não vens em meu soccorro?...
Mas em vão... Já he tarde... a sepultura...

SCENA VI.

IGNEZ, SEUS FILHOS E ELVIRA.

ELV. Que vejo, oh Deos! (1)
IGN. Abertos os abysmos... (2)
ELV. Ignez... (que magoa!) Ignez...
IGN. Que!.. Quem me chama ?..
És tu, Constança? és tu, que vens ainda
Da habitação da morte perseguir-me?
ELV. Torna, Senhora, em ti... Jà não conheces,
Não vês a triste Elvira ?...
IGN. Quem!... Elvira...
És tu? Aonde estou?.. Ah, que me queres?
ELV. Mitigar tua dor, chamar-te á vida.
Os alentos recobra, as esperanças;
Serás inda feliz, verás em breve
Trocados em prazer os teus pezares.
IGN. Prazeres para mim!... ah!...
ELV. Que! não viste
As lagrimas do Rei, que o teu indulto

---

(1) Corre para Ignez.
(2) Delirante ainda.

Digitized by Google

No enternecido aspecto promettia?

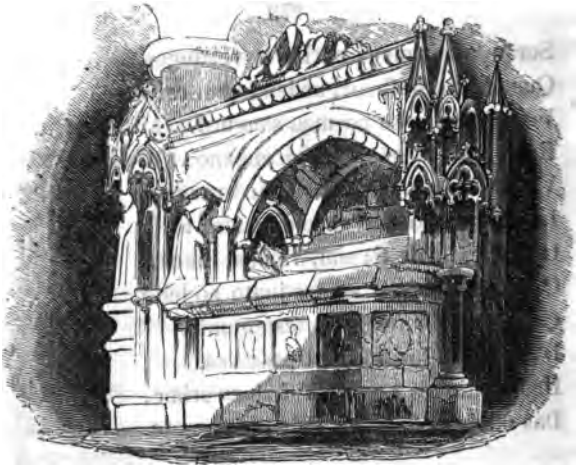
IGN. Qual quimerico indulto!... Nada esperes:
Que importão suas lagrimas, que importa
Que perdoar-me queira, se o rodêão
Vis Cortezãos, escandalo do Throno,
Algozes da innocencia, féros monstros,
Sedentos do meu sangue, que ardilosos
Seu coração benigno senhorêão?
Elvira, a minha morte he infallivel;
Pouco póde tardar: antes que chegue,
Toma, toma estes orphãos innocentes,
Conduze-os á prisão ao meu Esposo;
Entrega ao triste Pai os tristes filhos,
E dize-lhe que Ignez... Mas ah, que faço?...
Retalhar quero do consorte o peito?
Co' a noticia fatal da minha morte
O mortifero golpe anticipar-lhe?...
Ah, não: bem basta que de dor expire
Quando entrar nesta lugubre morada.
Onde chamando em vão a extincta Esposa,
Tristes eccos sómente lhes respondão;
E tintas as paredes do meu sangue,
Luctuosos vestigios da consorte
A cada passo espavorido encontre.
Então, Elvira, então he que eu te rogó
Lhe digas... (1) Ah, parece que ouço passos...

(1) Olhando atemorisada em volta da Scena.

Digitized by Google

Serão talvez meus barbaros verdugos...
Que cheios de furor, ardendo em raiva
Venhão cevar-se no meu sangue?... Ai triste!...
Ei-los que chegão.. não m'engano... Elvira!
Vamos na minha Camara encerrar-nos:
Lá melhor poderei recommendar-te
O que exijo de ti; sim, vamos, filhos,
Quero morrer ao menos junto ao leito,
Que tem sido até agora testemunha
D'envenenados, rapidos prazeres,
Dos continuos remorsos do meu crime,
Das minhas afflicções, e do meu pranto.

Digitized by Google



ACTO V.

SCENA I.

D. AFFONSO.

Que afflicção, que tumulto n'alma sinto!
Vacillante, confuso, atribulado,
Mal posso respirar. Ceos! que tormento!
D'hum lado a compaixão, d'outra a Justiça...
Formidavel Justiça! Em fim venceste.
Satisfeito estarás, de ver tyranno...

Digitized by Google

O supplicio de Ignez... Oh Deos, e pude,
Tremendo, subscrever da sua morte
A rigida sentença!... Eu me horroriso:
Dentro em meu coração queixosas sinto
Bradar a compaixão, e a natureza...
Que! surdo á sua voz, consentir devo,
Que á morte, a meu pezar, sevéramente
Seja a Mãi de meus Netos condemnada?
E por que crimes? Por amar meu Filho?
Ah, não: he tempo ainda; revoguemos
A sentença cruel... Porém que faço?...
O público socego, o bem do Estado,
O popular clamor, o exemplo, tudo,
Tudo em fim contra a triste me constrange,
E me estorva o prazer de perdoar-lhe
Ah! dura condição? Pesado Sceptro,
E haverá quem dos Reis inveje a sorte?
Tormentoso lugar, terrivel Solio,
Assento d'afflicções, e de amargura;
Desgraçados aquelles que te occupão!

SCENA II.

D. AFFONSO E D. SANCHO.

SANC. Ah Senhor! Se teu filho inda te he caro,
Se não queres privar os Lusitanos

Digitized by Google

Do herdeiro augusto de teu Throno, e gloria;
Não percas tempo, evita, remedeia
A desesperação que o assassina.
Eu conter já não posso os seus transportes,
Nem vêr as afflicções que o despedação:
Humas vezes convulso, delirante,
Scintilando furor, acceso em raiva,
Morde, intenta romper os duros ferros
Da prisão, que o retèm; blasféma, e brama:
Consternado outras vezes, abatido,
Em profundo lethargo, entre agonias,
Os olhos razos d'agua, o peito anciado,
Succumbe á sua dor, cae, desfallece.
Eis que subito agora por mim chama:
« Vai, amigo, (me diz) corre apressado,
» Saber da minha Esposa, e de meus filhos.
» Certamente os perversos Conselheiros
» Ousárão conspirar contra os seus dias:
» Ah, procura meu Pai, por mim lhe falla;
» Por mim de Ignez o indulto lhe supplica;
» O estado em que me vês lhe representa:
» E se elle persistir inexoravel,
» Protesta-lhe por mim...» Ah! nem me atrevo
A referir-te...

AF. Basta: não augmentes
A minha confusão: oh Deos!

SANC. Perdoa:

Digitized by Google

Tu silencio me impões; mas eu não posso,
Não posso obedecer-te; o grande risco,
Em que os dias do Principe contemplo,
O amor que lhe consagro, não permittem
Que eu cesse de clamar-te que perdoes
A' miseranda Ignez, de cuja vida
A vida de teu filho está pendente.
Ignez já agora he de D. Pedro Esposa....
E até digna de o ser. Não acredites
Damnados corações; que seus contrarios,
D'inveja, d'ambição, de rancor cheios,
Intentão denegrir o seu caracter.
Vê, meu Rei, que te illudem; crer-me deves
Por meus labios fallou sempre a verdade.
Ignez huma alma tem singella, e nobre,
Sensivel de sobejo, a amar propensa:
Não pôde resistir a amar teu filho:
Seu delicto he só este, não tem outro;
D'outros não he capaz, e um tal delicto,
Quando tantas virtudes o acompanhão,
He digno de perdão, he desculpavel. (1)
Perdoa-lhe, meu Rei, não diga o Mundo,
Que inflexivel, severo em demazia,
Nem de teu filho á Esposa perdoaste.

---

(1) Prostra-se aos pés de D. Affonso.

Digitized by Google

AF. (1) Não, não hade dizer (2) Oh lá, D. Nuno! (3)
Deixar eu de ser Pai por ser Monarcha?
Ah! não.

SCENA III.

D. AFFONRO, D. SANCHO E D. NUNO.

NUN. Que determinas?
AF. Apressado
Parte em busca de Ignez; aqui m'a envia;
E aos duros Conselheiros participa,
Que a sentença revogo; a Ignez perdôo.
SANC. Graças, benigno Rei!...
NUN. (4) Oh feliz Castro!
Já proxima ao sepulchro á vida tornas.

SCENA IV.

D. AFFONSO E D. SANCHO.

SANC. Que escuto! A' morte já sentenciada!...
AF. Longe de nós lembrança tão funesta.

---

(1) Depois de pensar hum pouco.
(2) Chamando para dentro da Scena.
(3) Comsigo mesmo.
(4) Partindo.

Digitized by Google

O Principe vai pôr em liberdade:
Que me venha abraçar; Ignez he sua.
SANC. Que jubilo! (1) Ah Senhor! Deixa que eu banhe
Tua mão generosa com meu pranto,
Suave pranto, que o prazer me arranca. (2)
Eu vou... Sim; a alegria azas m'empresta:
Vou levar a D. Pedro a feliz nova,
Restituir-lhe vou a paz, e a vida.

SCENA V.

D. AFFONSO.

Oh mil vezes feliz todo o que póde
Venturosos fazer os desgraçados!...
Desafogado o coração já sinto...
Hum Rei sómente he Rei quando perdoa.
Minha alma d'antemão já saborêa
O jubilo de Ignez, e de meu filho,
D'hum, e d'outro os abraços, os transportes,
A innocente alegria de meus netos...
Delicia dos mortaes, oh Natureza!
Cedão as tuas leis ás mais leis todas.

---

(1) Prostra-se, e beija a mão do Rei.
(2) Levanta-se.

Digitized by Google

SCENA VI.

D. AFFONSO E O EMBAIXADOR.

EMB. Conduïdo, Senhor, da infeliz Castro,
Reléva que eu me atreva a supplicar-te,
Que a decretada morte lhe perdôes:
Eu sei que a teu pezar foi condemnada,
Satisfação que dás ao meu Monarcha,
Quando elle certamente, persuadido
Da tua fidelissima amizade,
Não quererá, Senhor, que lh'a confirmes
Com o sangue de Ignez, que he seu sangue.
Atrevo-me em seu nome assegurar-t'o,
Rogando-te pratiques generoso
A piedade que he propria da tua alma.
AF. Muito folgo de vêr teus sentimentos
Tão conformes aos meus; sim, eu espero,
Que o teu Rei me não culpe de piedoso.
A Ignez já perdoei; fiz mais ainda;
Reconheci-a de meu filho Esposa.
Não me atrevo a romper o nó sagrado,
Em que Hymenêo, e Amor os enlaçava,
Ignorado por mim, quando sincero
O Tratado firmei, que promettia
Com Beatriz de meu Filho os Desposorios.

Digitized by Google

Deves pois ao teu Rei fazer sciente,
Das razões poderosas que os estorvão;
E por mim segurar-lhe ao mesmo tempo
Constante, inalteravel amizade.

EMB. Teu leal proceder, as razões todas
Que a decidir assim te constrangêrão,
Lhe exporei fielmente, e não duvides
Que tal resolução lhe agrade, e a louve.

AF. Dictou-m'a o coração, e de abraçá-la
Não me hei de arrepender: nunca a piedade
Póde manchar as purpuras: se o Mundo
De Bruto inda com pasmo escuta o nome,
Mais saudoso de Tito o nome adora.
Porém que vejo!.. oh Ceos!.. D. Nuno em pranto...

SCENA VII.

OS DITOS E D. NUNO.

NUN. Oh fereza!.. Oh desgraça!..
AF. Que acontece?...
NUN. A dôr, e o pranto as expressões me tolhem..
Cheguei tarde, Senhor... Ignez...
AF. He morta?..
NUN. Brevemente o será.
EMB. Oh Deos!..
NUN. Debalde

Digitized by Google

A' misera e mesquinha perdoaste :
De seu preclaro sangue sequiosos,
Os Ministros crueis se antecipárão...
AF. Oh detestaveis, sanguinarios monstros!
E podestes... acaba.
NUN. Mensageiro
Da piedosa faustissima noticia,
A' Camara de Ignez veloz caminho;
Pouco distante já de seus lamentos
Parece que as abobadas gemião :
Acceléro inda mais ligeiros passos,
E ao tempo que os crueis descarregavão
Sobre o peito d'Ignez os duros golpes,
Entro... (que horror!)perdão, perdão, exclamo.
A' palavra *perdão* os impios tremem,
E até da mão os ferros lhes cahírão :
Em vão porém; que o sangue já corria.
Servírão só meus gritos de que fosse
A ferida talvez menos profunda.
Então Coelho, e Pacheco, estatuas ambos,
Como espantados do seu crime horrendo,
Sem proferir palavra largo tempo,
Olhando hum para o outro espavoridos,
Apenas a final dizer podérão :
« Não ha mais que hum recurso; eia, fujamos; »
E subito os crueis desapparecem.
Ignez desfallecida, mal ouvíra

Digitized by Google

Que tu lhe perdoáras, levantando
As mãos aos Ceos, e os macerados olhos,
Mil vezes te bemdiz, por ti mil vezes
Aos Ceos envia fervorosas preces.
Cheia de gratidão, inda o seu rosto
Entre as sombras da morte parecia
Que ao proferir teu nome s'alegrava;
Em quanto as tristes Damas, que a rodeião,
O sangue de seu peito estancar buscão,
« Por ultimo favor (lhes diz) imploro,
» Que á presença d'Affonso me conduzão;
» Inda quero ir beijar-lhe a mão clemente,
» E a seus pés expirar agradecida. »
C'os filhinhos ao lado a malfadada,
Boscando-te, Senhor, para estes sitios
Já com tremulos passos se encaminha.

Af. Oh destino!... Oh fereza!.. Infeliz Castro!..
Filho infeliz!... Mais infeliz... do que ambos,
Atribulado Pai!... Todos os males,
As furias, as desgraças, e os remorsos
Desde o berço ao sepulchro me acompanhão
Nasci para flagello dos humanos,
Para opprobrio nasci da natureza:
Portugal, dos seus Reis na clara historia,
Chamará com razão ao quarto Affonso
Mão Irmão, Filho iugrato, e Pai tyranno.
O culpado sou eu de Ignez na morte,

Digitized by Google

Eu que, pelos perversos enganado,
Tarde o grito escutei da humanidade.
Ah! fujamos, fujamos d'estes sitios,
Que a vêr a desgraçada não me atrevo....
Mas ai de mim!... As forças me abandonão:
Eis ella chega... Amigos, soccorrei-me:
Affastai-me d'aqui...

SCENA VIII.

OS MESMOS, IGNEZ OS DOUS MENINOS SEUS FILHOS, ELVIRA E DUAS AIAS (1).

IGN. Ah!... não me fujas...
Não me fujas, Senhor... toma os teus Netos....
Para t'os entregar, agonisante,
O maternal amor aqui me arrasta...
Tristes orphãos, adeos.... Adeos, meus filhos....
Nas tuas mãos, Senhor, os deposito...
Em teu bom coração abrigo encontrem....
Ampare-os seu Avô, já que a Mãi perdem..
Possão elles hum dia, de ti dignos,
Dignos filhos do Pai mais virtuoso,
Com virtudes iguaes, egregios feitos,
Compensar-te o perdão, que me outorgaste...

(1) As Aias sustentão Ignez que vem ferida.

Digitized by Google

E por ultima graça me concede,
Que inda antes d'expirar meu Pai te chame.

AF. Chama-me o teu algoz: não queiras dar-me
O doce nome que me não compete:
Bem quizera eu tambem chamar-te Filha:...
Mas não me atrevo, não; a Natureza,
Se visse por meus labios profanado
Nome tão deleitoso, estremecêra...
Teu sangue está bradando; tu só deves
O cruel detestar, que te assassina;
Mas bem vingada estás; mais desgraçado
Mil vezes do que tu, mil mortes soffro.
Ah, poupa ao teu verdugo o horror de ver-te
Exhalar d'alma os ultimos arrancos...
Eu vou, sim, porque até minha presença
Deve ser a teus olhos odiosa. (1)
Ninguem me siga, ah, não; deixem-me todos,
Fujão todos de mim; quero esconder-me
A todos os viventes, té que possa
Nos abysmos sumir-me para sempre. (2)

---

(1) Vai a partir, e vendo que D. Nuno o quer acompanhar, volta-se, e diz:

(2) Parte arrebatadamente.

Digitized by Google

SCENA IX.

OS MESMOS, EXCEPTO AFFONSO.

IGN. Ah Senhor!.. mais debalde; não me attende;
Inda mais este golpe!... Não me custão
As suas afflicções menos que a morte...
Oh quantos desgraçados tenho feito!
O triste Pai, o Esposo... Ai! triste Esposo!...
E que será de ti!... Lembrança horrivel!..
D. Nuno, Elvira, confortai-o todos,
A' sua dor buscai dar lenitivo...
Ah, s'eu podesse ao menos vê-lo ainda...
Morrêra satisfeita... Ceos! já sinto
A agonia da morte... Filhos... Filhos...
Quanto a sua presença me consterna!
Ah! levem-m'os d'aqui... mas para onde?...
Não; chegai, filhos meus... em vossos labios
Quero entornar minha alma... nelles quero
Deixar a vosso Pai depositados
Meus ultimos suspiros... Ah! são estes...
São estes... Que anciedade! A luz me foge...
Adeos, Filhos... adeos, Esposo... Eu morro. (1)

EMB. Que doloroso trance!. . . . . .

(1) Cahe e espira nos braços das Damas.

Digitized by Google

SCENA X.

OS MESMOS, D. PEDRO E D. SANCHO.

PED. (1) Amada Esposa
Ignez, querida Ignez, vôa a meus braços,
Vem completa fazer minha alegria. (2)
Porém que! vós chorais! que infausto agouro! (3)
SANC. Oh Principe infeliz! Mortal angustia!
Affastai-lhe da vista a extincta Esposa. (4)
PED. (5) A esposa! Onde está ella? Ide chamar-m'a.
NUN. Ah! Senhor!...
PED. Não tardeis, ide chamar-m'a.
Eu mesmo, eu mesmo vou... Ignez, Esposa! (6)

---

(1) D. Pedro entra na Scena cheio de alegria, sem vêr o cadaver de Ignez.

(2) Vendo chorar D. Nuno e o Embaixador, que estão defronte do cadaver de Ignez.

(3) Olha para traz, dá com os olhos em Ignez morta, quer correr a ella, recúa espavorido, e cae desfalleci lo nos braços de D. Sancho e do Embaixador.

(4) Elvira e as Aias retirão da Scena Ignez e os Meninos, acompanhadas de D. Sancho.

(5) Em delirio.

(6) Convulso, quer caminhar, e não póde.

Digitized by Google

EMB. A extrema dôr o priva dos sentidos.

NUN. A tua Esposa !.. oh Deos !... já não existe.

PED. He morta? Injustos Ceos! Clarão terrivel! (1)
Ah! sim, eu mesmo a vi... horrida imagem !...
E tornarão a abrir-se inda os meus olhos?
Vi morta a cara Esposa, e vivo ainda! (2)
Espera, espera, Ignez, eu te acompanho,
Eu já te sigo, sim... (3) Mas não, primeiro
He preciso vingar a sua morte.
Quem a matou?.. Dizei... talvez... foi elle,
Esse tyranno, que meu Pai se chama?

NUN. Ah! não, Senhor, teu Pai lhe perdoava,
Mas Coelho e Pacheco os impios forão,
Que...

PED. Basta: nada mais. (4) Impios são todos,
E eu de todos o sangue beber quero.
Treme, barbaro Rei; cruenta guerra
Eu protesto fazer-te; sim, eu juro
Pelo sangue de Ignez, cujos vestigios
Bradando por vingança alli diviso,
Juro, cruel, do Throno derrubar-te,

---

(1) Olhando para o lugar onde vira Ignez morta.

(2) Em acção de desembainhar a espada.

(3) D. Nuno e o Embaixador impedem que D. Pedro desembainhe, e este reflectindo hum pouco, diz:

(4) Na mesma furiosa desesperação.

Digitized by Google

E em teu lugar, c'roada alçar a elle
A Esposa que me roubas. A meu lado,
Mesmo depois de morta, a bella Castro
Será Rainha, reinará comigo:
Que importa que o seu corpo não respire,
Se a sua alma inda existe unida á minha!
Hão de todos beijar-lhe a mão já fria,
Tributar-lhe as devidas homenagens!
Do seu throno degráos por mim calcados
Os tyrannos serão que a assassinárão:
Seus corações malvados, das entranhas
Eu mesmo hei de arrancar, hei de trincar-lh'os.
A's minhas iras escapar não podem:
Inda que nos infernos vão sumir-se,
Lá mesmo, ardendo em raiva irei buscá-los.
Será tal meu furor, minha vingança,
Que o Mundo tremerá de ouvir meu nome:
Por toda a parte se hão de ouvir sómente
Pranto, desolação, e horrores... tantos
Os estragos serão, as mortes tantas,
Que ha de em sangue nadar Portugal todo:
Sangue o Douro, o Mondego, e sangue o Tejo
Hão de, em vez d'agua, despejar aos mares;
E os proprios mares arrojar bramindo
Ondas de sangue ás mais longinquas praias.
Eu vou já começar a derramá-lo.
Oh furias! Oh vingança! Acompanhai-me,

Digitized by Google

Meus passos dirigi; guiai meu braço. (1)

EMB. Ah Principe, suspende! Mas quem póde
Conter as furias, que lhe lutão n'alma! (2)

NUN. Que espantoso tropel de horriveis males!..
Oh de cégas paixões funesto exemplo!...
Misero Esposo!.. Malfadada Castro!..
De quanta compaixão são dignos ambos!..
Muito se amavão, desgraçados forão,
Chore-os o Mundo, e de imitá-los trema. (3)

SCENA III.

D. NUNO E D. SANCHO (4).

NUN. Onde corres?..

SANC. Oh Ceos!

NUN. Novos desastres
Acaso sobre nós envia o Fado:

SANC. O nosso Excelso Rei, o invicto Affonso
Com força de pezar succumbe aos males,
E violenta paixão lhe arranca a vida.

---

(1) Parte furioso arrebatadamente da Scena.
(2) Segue a D. Pedro.
(3) Finda a Tragedia quando não ha coroação.
(4) Impaciente.

Digitized by Google

NUN. Em que montão d'horrores nos abysma
O destino fatal!
SANC. Oh desventura!
O Principe me ordena que vos chame:
Vinde prestes, D. Nuno; elle turbado
Sente a falta d'hum Pai, da Esposa a perda. (1)
NUN. Morreo em fim?.. Morreo! No centro d'alma
Soffro as ancias crueis, a dôr mais impia!

---

(1) Parte.

Digitized by Google

ACTO DA COROAÇÃO

PARA SE REPRESENTAR NO FIM DA TRAGEDIA

NOVA CASTRO

DE

JOÃO BAPTISTA GOMES.

A lembrança de que muitas pessoas desejão vêr no fim d'aquella optima Tragedia huma Coroação, fiz com que se imprimisse esta, apezar da falta de unidade que ha, e que fórma hum erro Dramatico, que o seu Auctor não desculparia se existisse. — *Nota do Editor.*

MUTAÇÃO.

Magnifica Sala com Docel, e Cadeira de espaldar no meio do Theatro, em a qual está D. Ignez assentada, e em lugar competente, e magnífico huma Coroa requissima,

Saem D. Pedro, D. Sancho, D. Nuno, Elvira, os dous Meninos, Grandes, e Guardas Reaes.

D. NUN. Esta he a pompa, Senhor, que a brevidade
Me permittio do tempo.
D. PED. Que impiedade!
He possivel, Ignez, oh dura sorte!..

Digitized by Google

Quem vida me dêo te désse a morte?!
A sacrilega mão, barbara, e fera,
Que o teu sangue verteo no duro effeito
Não cahio com o ferro? Oh quem podéra
Soldar a pura neve do teu peito!..
Quem podéra animar-te a luz perdida,
Repartindo com tigo a minha vida?!
Quaes serão os castigos acertados
Que excogite a lembrança d'esta scena
Contra estes deshumanos inimigos,
Sem lei, sem compaixão, e sem respeito?
Farei abrir com golpes mui profundos,
As espadoas a hum, a outro o peito;
E a seus mesmos olhos moribundos,
Que virão este Sangue, desejára
Mostrar os corações, que os animára
A tão cruel, e aspera fereza,
Como abortos crueis da natureza
Para monstros indomitos gerados;
Choro, meu bem, a tua adversidade,
E vivo para minha saudade!..

D. Sanc. Aqui te outorgo a Corôa...

D. Ped. De outra sorte
Coroar-te intentei, fiel Consorte;
Mas preferio á gloria a tyrannia!..
E vós, meus caros, meus fieis Vassallos,
Reverentes beijai esta mão fria,

Digitized by Google

Que beijar deverieis n'outro estado,
Se tão impio não fosse o nosso fádo.

D. Sanc. O primeiro sou eu, que esta mão bella
Reconheço da minha Soberana,
Com o respeito que devo a vós, e a ella. (1)

D. Nun. Com minha gratidão, e o meu respeito,
Qual Vassallo fiel, cumpro o preceito. (2)

(Os grandes beijão-lhe a mão ao som de Musica, e no fim diz:)

D. Ped. Esse corpo gentil desanimado,
Mais na morte que em vida respeitado,
Depressa cobrir faze, Condestavel.

D. Sancho corre as cortinas.

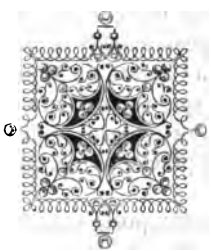
A incumbencia do enterro vos entrego:
Com magestoso fausto veneravel
A levai a Alcobaça, e as estradas
De tochas estarão illuminadas;
E o mesmo esplandor fazer quizera
Se, como dezesete legoas são,
Dezesete mil fossem; pois venera
Tanto minha alma a essa cinza amada,
Que desejo exceder no magestoso
Aquella maravilha celebrada,

---

(1) Beija-lh'a.
(2) O m·smo.

Digitized by Google

Que Artimizia erigio a seu esposo.
E vós, que ainda apezar do esquecimento,
Recommendais com pranto merecido
Os amores de Ignez ao sentimento,
En seu nome ao respeito que he devido,
Com verso humilde aqui vos represento
O tragico infortunio desabrido,
Que aconteceo á misera mesquinha,
Que inda depois de morta foi Rainha.



Digitized by Google

Esta sanguinosa catastrofe, os ternos, malfadados amores que a precedêrão, e a especie d'apotheóse com, que depois da morte a acompanhára a desculpavel idolatria de seu desolado amante, constitue um d'aquelles successos nacionaes, perennes, indeleveis que marcão epocha na historia dos povos. A pár da gloria dos Gamas e Albuquerques não ha canto algum da Europa onde não tenha soado um echo dos suspiros d'Ignez de Castro, a miseria e mesquinha. Mais ditosa na fama que na sorte ella tem despertado em todos os tempos as Musas nacionaes e estrangeiras, pelo que não será desagradavel aos leitores de aqui encontrarem o episodio de Camões, cuja lyra soôu entre todas tão harmoniosa, e a Cantata de Manoel Maria de Barbosa duBocage, que accrescenta novo realce ao primor das Musas Portuguezas, e inspira novo interesse aos que sabem appreciar o amor coroado pela virtude.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

Digitized by Google

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita,
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar se não queria:

Tirar Ignez ao mundo dertermina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina,
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio que a espada fina,
Que poude sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

Digitized by Google

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade,
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões, á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
De seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

« Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento;
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino ja mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram;

Digitized by Google

O tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la,)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez erro.
Mas se t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo esse misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco, e vontade,
Naquelle por quem morro, criarei,
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam de mãi triste.

Digitized by Google

Queria perdoar-lhe o Rei benigno,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que d'esta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito alli apregoam.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles condéna,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente, e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Digitized by Google

Bem puderas, ó Sol, da vista d'estes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

Digitized by Google

A MORTE

DE

IGNEZ DE CASTRO.

CANTATA.

Longe do caro Esposo Ignez formosa
Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto
Os melindrosos, candidos Penhores
Do Thalamo furtivo,
Os Filhinhos gentis, imagem d'ella,
No regaço da Mãi serenos gozão
O somno da Innocencia.
Côro subtil de aligeros Favonios,
Que os ares embrandece,
Ora enlevado affaga
Com as plumas azues o Par mimoso,
Ora, solto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
Pela Amante saudosa,

Digitized by Google

Pelos tenros Meninos se reparte,
E com tenue murmurio vai prender-se
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
Primavera louçã, Quadra macia
Da ternura, e das flores,
Que á bella Natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de Amor ao Mundo apuras
O prazer da existencia,
Tu de Ignez lacrimosa
As mágoas não distrahes com teus encantos.
Debalde o Rouxinol, cantor de amores
Nos versos naturaes os sons varia,
O lim[illegible]o Mondego em vão serpêa
C'um benigno susurro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doira o Sol de luz mais viva,
Os Ceos de mais pureza em vão se adornão
Por divertir-te, oh Castro:
Objectos de alegria Amor enjôão,
Se amor he desgraçado.
A meiga voz dos Zéfyros, do rio
Não te convida o somno:
Só de já fatigada
Na luta de amargosos pensamentos,
Cerras, misera, os olhos;
Mas não ha para ti, para os Amantes
Somno placido, e mudo;

Digitized by Google

Não dorme a fantasia, Amor não dorme:
Oh gratas illusões, ou negros sonhos
Assomando na idéa, espertão, rompem
O silencio da Morte.
Ah! Que fausta Visão de Ignez se apossa!
Que scena, que espectaculo assombroso
A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!
Em marmoreo salão de altas columnas
A Solio magestoso, e rutilante
Junto ao regio Amador se crê subida;
Graças de neve a purpura lhe envolve,
Pende augusto Docel do tecto de oiro;
Rico Diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;
Nos luzentes degráos do Throno excelso
Pomposos Cortezãos o orgulho acurvão;
A Lisonja sagaz lhe adoça os labios,
O Monstro da Politica se atterra,
E se Ignez perseguia, Ignez adora.
Ella escuta os extremos,
Os vivas populares, vê o Amante
Nos olhos estudar-lhe as leis, que dicta;
O prazer a transporta, Amor a encanta;
Premios, dadivas mil ao Justo, ao Sabio
Magnanima confere,
Rainha esquece o que soffreo Vassalla:
De sublimes acções orna a Grandeza,

Digitized by Google

Felicita os Mortaes, do Sceptro he digna,
Impera em corações... mas Ceos! Que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece!
Ignez sobresaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
Ministros do Furor, tres vis Algozes,
De buidos punhaes a dextra armada,
Contra a bella Infeliz bramindo avanção.
Ella grita, ella treme, ella descora,
Os Fructos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os Ceos, o Amante;
Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,
A' suave attracção da formosura,
Vós, brutos Assassinos,
No peito lhe enterrais os impios ferros.
Cae nas sombras da Morte
A Victima de Amor, lavada em sangue,
As rosas, os jasmins da face amena
Para sempre desbotão.
Dos olhos se lhe some o doce lume;
E no fatal momento
Balbucia, arquejando: « Esposo, Esposo. »
Os tristes Innocentes
A' triste Mãi se abração,
E soltão da agonia inutil chôro.
Ao suspiro exhalado,

Digitized by Google

Final suspiro da formosa Extincta
Os Amores acodem.
Mostra a Prole de Ignez, e a tua, oh Venus,
Igual consternação, e igual belleza:
Huns dos outros os candidos Meninos
Só nas azas differem,
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcazes de marfim, virotes de oiro)
Súbito vôão dois do Côro alado:
Este, raivoso, a demandar vingança
No Tribunal de Jove,
Aquelle a conduzir o infausto annuncio
Ao descuidado Amante.
Nas cem tubas da Fama o grão desastre
Irá pelo Universo:
Hão de chorar-te, Ignez, na Hircânia os Tygres,
No torrado Certão da Lybia fera
As Serpes, os Leões hão de chorar-te.
Do Mondego, que attonito recua,
Do sentido Mondego as alvas Filhas
Em tropel doloroso
Das urnas de crystal eis vem surgindo,
Eis, attentas no horror do caso infando,
Terriveis maldições dos labios vibrão
Aos Monstros infernaes, que vão fugindo.
Já crôão de cypreste a Malfadada,
E, arrepelando as nitidas madeixas,

Digitized by Google

Lhe urdem saudosas, lúgubres endeixas.
Tu, Eco, as decoraste,
E, cortadas dos ais, assim resôão
Nos concavos penedos, que magôão:

Toldão-se os ares,
Murchão-se as flores:
Morrei, Amores,
Que Ignez morreo.

Misero Esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não he teu.

Sua alma pura
Nos Ceos se encerra:
Triste da Terra
Porque a perdeo!

Contra a cruenta
Raiva ferina
Face divina
Não lhe valeo.

Tem roto o seio,
Thesouro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe atreveo.

Digitized by Google

De dôr, e espanto
No carro de oiro
O Numen loiro
Desfaleceo.

Aves sinistras
Aqui piárão,
Lobos uivárão,
O chão tremeo.

Toldão-se os ares,
Murchão-se as flores:
Morrei, Amores,
Que Ignez morreo.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google